

DIEGO DE PAULA CAMPOS

PASSOS URBANOS: Uma experiência humanizadora da cidade

**Taubaté- SP
2018**

DIEGO DE PAULA CAMPOS

PASSOS URBANOS: Uma experiência humanizadora da cidade

Relatório de Pesquisa para o desenvolvimento do Trabalho de Graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Taubaté, elaborado sob orientação do Prof. Dr. Flavio José Nery Conde Malta.

Taubaté - SP

2018

Ficha catalográfica elaborado pelo
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU

C198p Campos, Diego de Paula
Passos urbanos: uma experiência humanizadora da cidade./
Diego de Paula Campos. - 2018.
79f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento
de Arquitetura e Urbanismo.
Orientação: Prof. Dr. Flávio José Nery Conde Malta. Departamento
de Arquitetura e Urbanismo.

1. Urbanismo. 2. Memórias. 3. Requalificação. 4. Taubaté. I. Título.

CDD – 711

DIEGO DE PAULA CAMPOS

**PASSOS URBANOS: Uma Experiência Humanizadora da
cidade, TAUBATÉ – SP**

Trabalho de Graduação apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da universidade de Taubaté, sob a orientação do Prof. Flavio José Nery Conde Malta.

Aprovada em 12 de Dezembro de 2018.
BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof^o. Dr. Flavio José Nery Conde Malta
UNITAU – Departamento de Arquitetura

Prof^o Antonio Claudio Testa Varalho
UNITAU – Departamento de Arquitetura

Arquiteta Lívia Vierno
Arquiteta Convidada

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus e a Bem-Aventurada Virgem Maria sob o título de Guadalupe, aos meus pais, amigos e a todos que de um certo modo fizeram parte desse momento que marcou mais uma etapa na minha vida existencial e minha autoconstrução acadêmica.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus em primeiro lugar e ao meu orientador professor Malta.

A CIDADE:

“Os passos urbanos se tornam sementes de novas memórias, a cidade se torna o berço de futuras experiências e de novas realidades., pois não são só paredes, nem meras construções, mas realçam a acima de tudo a história de um povo e sua identidade”. (Diego Campos)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema principal o conceito humanizante da cidade baseado na ideia de Jean Gehl. O trabalho parte de um levantamento conceitual do tema a fim de executá-lo na área central da cidade de Taubaté. A pesquisa apresenta o caso dos grandes centros urbanos e a qualidade desses espaços, sendo que na maioria das cidades o centro urbano se tornou inóspito para vivência humana. Hoje ele não é mais o lugar do encontro, e das relações sociais, ele dá apenas um espaço de passagem para manter a vida capitalista abrigando o comércio local. Partindo então das memórias fotográficas de espaços relevantes para os habitantes da cidade, analisamos o uso e como está a situação atual. Além disso, após a análise dos conceitos principais elencados na pesquisa, entre eles Genius Loci, Topofilia, Deriva entre outros, buscamos perceber que o espaço vai além de um lugar de passagem, mas que se possa ter com ele relações de afeto e permanência. Para a proposta também será executado levantamentos, fotográficos e visitas, a fim de que, a proposta possa intervir e apontar soluções para que o centro urbano chegue a uma categoria de um espaço humanizado.

Palavras-chave: 1.Urbanismo 2. Memórias, 3.Humanizador, 4.Taubaté

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto aérea Córrego do Piqueri 2006.....	26
Figura 2: Arredores do Córrego 1968.....	27
Figura 3: Situação do Córrego1900.....	27
Figura 4: Arredores do Córrego.....	28
Figura 5: Arredores do Córrego.....	28
Figura 6: Arredores do Córrego.....	28
Figura 7: Arredores do Córrego.....	28
Figura 8: Levantamento Geral do Córrego	29
Figura 9 – Praça da Sé 1860.....	30
Figura 10 – Praça da Sé 1900.....	30
Figura 11 – Praça da Sé 1907.....	31
Figura 12 – Praça da Sé 1910.....	31
Figura 13 – Praça da Sé 1915.....	31
Figura 14 – Praça da Sé 1916.....	31
Figura 15 – Praça da Sé 1933.....	31
Figura 16 – Praça da Sé 1952.....	31
Figura 17 – Praça da Sé 1972.....	32
Figura 18 – Praça da Sé 1975.....	32
Figura 19 – Praça da Sé.....	32
Figura 20 – Praça da Sé.....	32
Figura 21 – Praça da Sé	32
Figura 22 – Praça da Sé.....	32
Figura 23 – Permanência no espaço urbano.....	33
Figura 24 – Permanência no espaço urbano.....	34
Figura 25 – Corredor Cultural.....	35
Figura 26 – Limites do Corredor Cultural.....	36
Figura 27: Cidade de Taubaté.....	37
Figura 28: Cidade de Taubaté.....	38
Figura 29: Traçado de Taubaté.....	39
Figura 30: Praça Dom Epaminondas.....	40
Figura 31: Praça D. Epaminondas.....	40
Figura 32: Área de estudo – Taubaté – 2018.....	40

Figura 33: Visita Técnica – Mercado Municipal	41
Figura 34: Visita Técnica – Praça D. Epaminondas.....	42
Figura 35: Visita Técnica – Praça Dom Epaminondas.....	42
Figura 36: Área de estudo – Taubaté –2018.....	44
Figura 38: Praça Dom Epaminondas.....	45
Figura 39: Praça Dom Epaminondas.....	45
Figura 40: Praça Dom Epaminondas.....	46
Figura 40: Praça Dom Epaminondas.....	46
Figura 41: Estádio Monsenhor S. Barros.....	46
Figura 42: Praça Monsenhor S. Barros.....	46
Figura 43: Praça Monsenhor S. Barros.....	47
Figura 44: Praça Monsenhor S. Barros.....	47
Figura 45: Feira da Barganha.....	47
Figura 46: Bica do Bugre.....	47
Figura 47: Largo do Rosário.....	48
Figura 48: Largo do Rosário	48
Figura 49: Uso de Solo.....	49
Figura 50: Perfil Transversal R. Sacramento.....	50
Figura 51: Perfil Transversal R. Duque de Caxias.....	51
Figura 52: Visita Técnica R. Duque de Caxias.....	51
Figura 53: Mural de Memórias.....	77
Figura 54: Enquete – resultado.....	77

SUMÁRIO

Sumário

INTRODUÇÃO:	1
OBJETIVO GERAL	3
Objetivos específicos	3
JUSTIFICATIVAS	4
1. A RELAÇÃO HOMEM E O ESPAÇO E SUA PERCEPÇÃO MEMORIAL..	7
1.1- A memória e a história	8
1.2 - As memórias e o centro urbano.....	9
1.3- As relações topofílicas com o espaço.....	10
1.4 Deriva – Passos que configuram afetividade no espaço.	11
2– A CIDADE: A CATEGORIA HUMANIZADORA	16
2.1 Morte e vida das cidades	17
2.2 A imagem da cidade – conhecimento a partir da percepção	19
2.3 Urbanismo Humanizante – desafio de reunir as memórias.....	20
2.4 A dimensão humana:	22
2.5 A cidade viva: um planejamento voltado para pessoas.....	24
2.5.1 Espaços para caminhar.....	25
2.5.2 Um Espaço relacional.....	25
3 - ESTUDO DE CASO:	26
3.1 A Deriva como fonte de descobertas – passos que revelam o urbano.....	26
3.2 O ambiente Urbano conceito e tipologia – Praça Da Sé.....	30
3.2.1 Espaço e uso: Sequencia de fotos: Praça da Sé. São Paulo.....	30
3.3 Cidades humanizadas	33
3.3.1 Copenhague – Dinamarca.	33
3.3.2 Melbourne – Austrália. Tráfego de Pedestres	34
3.4 Corredor Cultural do Rio	35
4 ÁREA DE ESTUDO	37
4.1 Município de Taubaté.....	37
4.2 Contexto histórico:.....	37
4.4 Áreas de estudo	43
4.4.1 Praça Dom Epaminondas (catedral)	45
4.4.2 Praça Monsenhor Silva Barros (Praça da Eletro).....	46

4.4.3 Mercado Municipal, Barganha e a Bica do Bugre.....	47
4.4.4. Largo do Rosário.....	47
4.5 Resultados avaliativos.....	48
4.5.1 Espaço de identidade familiar:	48
4.5.2 Estudo do Solo:	49
4.5.3 Espaço de relações:.....	49
4.5.4 Perfil de ruas:	50
4.5.5 Mobilidade:	51
4.5.6 Fluxo de Transito:	52
4.5.7 Poluição visual e auditiva	52
4.5.8 Paisagismo e equipamentos urbanos.	52
5. DIRETRIZES PROJETOVAIS – GERAL.....	53
5.1 Diretrizes Projetovais – Corredor Cultural	55
5.2 Diretrizes gerais	55
5.4 Relatórios de atividades:	57
5.4.1 Atividades semanais:.....	58
5.4.2 Atividades Finais de Semana:	58
Mapa infográfico – Corredor Cultural.....	59
Prancha 2 – Passos urbanos.....	60
Prancha 3 – Implantação / Cortes.....	61
Prancha 4 – Cortes / vistas.....	62
Prancha 5 – Cortes/ Paisagismo/ Perspectivas.....	63
Prancha 6 – Cortes / Perspectivas / Mobiliário.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	67
ANEXO I.....	69
Lei Complementar N° 238, de 10 de janeiro de 2011	69
APÊNDICE	74
Pesquisa de opinião I	74
Pesquisa de opinião II	77
Mural de memórias	77
Tabelas de Fluxo de Transito	78
Tabela – 1 SEMANAL	78

Tabela- 2 SÁBADO.....	78
Tabela 3 – DOMINGO	79

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho tem como finalidade primeira promover a qualidade de vida dos usuários do centro urbano, provendo um urbanismo com aspectos simples, no entanto com ênfases nas relações humanas e na valorização de suas lembranças. São fatos evidentes os diversos problemas nessa área, entre eles: a mobilidade, iluminação e questões relacionadas ao conforto. Esses problemas foram acontecendo ao longo de diversas alterações em sua formação espacial. Para tanto, devem ser revistas, uma vez que, essas afetam conseqüentemente as relações humanas no espaço e suas memórias e o uso.

Em meio aos caos da vida urbana e ao caótico trânsito, sem contar a correria do comércio e os vazios das noites, a questão primordial é: pode existir vida sociável nesse lugar? As experiências de desconforto dentro do centro urbano podem ser diferentes e chegar a uma experiência humanizadora e reconstruir um espaço diferenciado para as pessoas rompendo assim com a caótica rotina de um centro pré-determinado em função de automóveis e uma lógica capitalista?

O centro urbano é o lugar das multi-sensações, das experiências, das memórias que muitas vezes estão perdidas nos rostos e nas marcas do tempo, acima de tudo ele é constituído e construído por diversas gerações. Para tanto, o espaço que hoje é considerado “perdido” ou inóspito dentro dessa realidade babélica, outrora já foi cenário de diversas emoções e usos diferenciados.

A partir do levantamento das memórias, isto é, lembranças, apropriações religiosas, culturais e sociais do espaço pode-se promover uma valorização dele e vincular a ele essa visão mais humanizante, pois já foi um ambiente saudável e de uso. Diferente da realidade de hoje que se concentra o uso comercial.

A fim de resgatar essa realidade passada e revelar um espaço que abriga um diferencial afetivo por parte da população foi feito um levantamento qualitativo e a partir do levantamento pontuar melhorias a fim de que se torne um ambiente mais apropriado a diversos usos.

Como base projetual de melhoramento do centro urbano apropriamos do conceito humanizador de Jean Gehl, que unifica espaço e pessoa qualificando-o. Esse vínculo renova o sentido de mobilidade e regata o uso a pé e concentra nas áreas centrais novas atividades a fim de que as pessoas possam ser elementos de essência e tragam vida e desfrutem de um novo sentido de uso.

O Urbanismo humanizador tem como finalidade uma relação harmoniosa e integrada entre cidade e seus habitantes. Esse conceito mais humanizador da cidade podemos encontrar no Livro Cidades par pessoas do Arquiteto e Urbanista Jean Gehl, (2013) a visão humanizadora de uma cidade está constituído em um espaço onde possa haver uma relação íntegra entre ambos e como consequência dessa interação o surgimento de uma cidade mais viva e participativa.

Além disso, a pesquisa baseia se no resgate das memórias do espaço e como consequência o uso que estes influenciavam na vida dos usuários. A partir do uso ao longo de décadas o espaço foi perdendo suas características e hoje sofre uma mutação, seja pelo abandono de praças, ou ambientes inóspitos como calçadas e ruas.

A partir desse resgate das memórias, buscamos outros conceitos, por exemplo, a topofilia, Tuan (2012), Genius Loci Norberg-Schulz, (1980) valorizar o espaço que é muito mais que construções aleatórias, mas são partes dos habitantes que ali usufruem. Para tanto, a valorização do espaço visa promover a qualidade do estar, e do permanecer dentro do centro urbano como um lugar bom e agradável gerador de novas experiências.

O trabalho trás como estrutura um copilado de 5 capítulos, sendo que o primeiro, mostra as estruturas básicas desse trabalho e o segundo nos revela a conceituação que são bases para o entendimento e construção dessa elaboração na busca de um urbanismo mais humanizador. E o terceiro pontua métodos e uma visão mais clara sobre o conceito de cidade humanizada e por fim o levantamento da área a ser estudada e segue o projeto mostrando a proposta.

OBJETIVO GERAL

O objeto dessa pesquisa é promover um urbanismo humanizador, ou seja, um espaço de relações que traga consigo um modo novo de vivenciar as experiências de convívio no centro urbano, longe da conceitualidade atual que visa o comércio e um lugar de passagem, mas acima de tudo algo simples e exequível, tendo compromisso com a identidade do local. Além disso, resgatar a importância do caminhar e da valorização da paisagem a partir dessa experiência e por fim temos como objetivo revelar a importância do local a partir do levantamento de memórias e experiências vividas no centro da cidade.

Objetivos específicos

Os objetivos específicos dessa pesquisa são as transformações no centro urbano e as relações frutos de memórias e vivências. A pesquisa pode nortear a importância da espacialidade na história da pessoa que trás diversos sentimentos e afeições e que são acarretados de identidades.

JUSTIFICATIVAS

O Urbanismo humanizador tem como finalidade uma relação harmoniosa e integrada entre cidade e seus habitantes, o conceito no geral, visa combater a exclusão social urbana. O centro urbano é a realidade caótica, onde experimentamos o frenético trânsito, a correria do comércio, a agitação e o constante ruído, sem contar a experiência avessa dessa realidade diurna, ou seja, o vazio das noites urbanas, o silêncio e a insegurança que perfazem um cenário comum.

Isto não é condizente a uma vivência agradável, seu desenho e sua estrutura espacial não perfazem um espaço digno de criar laços e um sentimento de permanência. No entanto grande parte desses centros urbanos, ao qual se permanece essa realidade, outrora já fora cenário de encontros, vivências e de uma comum unidade entre pessoa e lugar, para tanto a questão primordial a se argumentar desde o início é: Por que o espaço central deixou ser um espaço de convívio entre as pessoas? Isto é, seria possível compactuar vida sociável nesse lugar nos dias atuais?

De fato, os grandes centros urbanos se tornaram caóticos e as experiências de desconforto fizeram com que esses espaços não fossem mais aproveitados pela sociedade como um ambiente de relações. Desde a década de 60, o espaço urbano fora sendo alvo de inúmeras críticas, e o sonho de um espaço digno caiu na ilusão das cidades planejadas, autores como Jane Jacobs, (2011) através da observação do cotidiano das cidades entenderam as paisagens planejadas como monótonas e não comprometida com a diversidade estética funcional que é essencial para a vida urbana.

A cidade, assim como o espaço urbano, deve ser modelada para que ele depois nos modele (GEHL, J. 2013), isto é, o ambiente em que vivemos precisa de uma modificação para que este possa proporcionar a dignidade e a qualidade de vida. Por isso, a pesquisa é de extrema importância, pois resgata em si, algumas dimensões perdidas em meio ao desenvolvimento dos grandes centros urbanos.

METODOLOGIA

A pesquisa é objetiva e busca avaliar o uso dos espaços urbanos na área central da cidade de Taubaté, resgatando memórias e aplicando o conceito humanizador na busca de uma requalificação da área.

Para tanto, buscamos através do levantamento de memórias afetivas, visuais, olfativas, tátil, gustativas e diversas outras formas resgatar o valor afetivo que as pessoas já têm por pontos referencias da cidade. Para se alcançar isso, dispomos de duas formas, sendo que a primeira é uma pesquisa de opinião que questiona a qualidade do centro urbano e se ela já teve experiências diferenciadas. E a segunda é um quadro com fotos lançadas em enquetes nas redes sociais perguntando se causam nostalgias, lembranças e as reações diversas.

Tento feito o levantamento das memórias e elencados os ambientes de maior valor afetivo, buscamos a partir de conceitos revelar essa relação entre o espaço e o homem, essa por sua vez é toda a base teórica do trabalho.

Um dos conceitos mais importantes que norteiam uma nova visão renovada do espaço será o conceito de urbanismo humanizador de Jean Gehl, esse contribuirá na elaboração do projeto final e do novo uso do espaço estudado resgatando todo o valor lúdico e usual do centro e suas novas atividades.

Para tanto, os estudos seguem um levantamento qualitativo das áreas centrais e equipamentos urbanos e o perfil de ruas, pois visa analisar e descrever junto das memórias quais são os lugares de maior influência e lembranças. Com isso traçar espaços urbanos que tragam um “Espírito” e ali possa haver a unidade entre homem e espaço e seja o propulsor de um novo ambiente de uso e ocupação gerador de novas lembranças.

O trabalho também resgate algumas memórias de uso dos espaços, para tanto esse procedimento pode se dá pelo levantamento fotográfico juntamente com as enquetes. Esses mostram um pouco do uso do espaço ao longo do tempo e expressam a importância deles na vida das pessoas (memórias individuais e coletivas).

Outro método usado para avaliação e delimitação da área que fez pontuar as experiências no centro da cidade foi a Deriva, isto é, caminhar e vivenciar experiências a partir de caminhos pré-determinados ou não. Essa serviu como ferramenta sensorial e qualitativa das atividades no centro urbano.

O percurso da Deriva se deu a partir do Mercado Municipal. Num trajeto a pé foi se traçando um percurso aleatório pelas ruas dessa área central e conseqüentemente esse percurso delimitou as áreas de estudo. A Deriva serviu como o mapa avaliador do espaço e o caminho a pé pode se avaliar também as experiências que as outras pessoas podem ter junto daquela região.

Por fim, segue uma metodologia bibliográfica, pois se utilizarão da exploração de artigos acadêmicos, livros, sites, visitas técnicas. Ao término dessas fases configurará o desenvolvimento de um relatório acadêmico que compactuará todos esses levantamentos de pesquisa.

1. A RELAÇÃO HOMEM E O ESPAÇO E SUA PERCEPÇÃO MEMORIAL

Quando falamos de lembranças temos que nos dispor a um determinado lugar, ou um fato, ou um ponto inicial que perfaz o princípio de tudo, assim são as histórias e suas origens. O homem dentro de suas inúmeras capacidades se diferencia na arte de tentar guardar suas memórias, e diversas informações que são acarretadas de sentimentos, lembranças e usos.

A cada instante, há mais do que olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que conduzem, à lembrança de experiências passadas. (LYNCH, K. p. 1, 1997).

O espaço não pode expressar com palavras e a paisagem não pode exprimir com poética sua beleza, mas usa da linguagem humana para poder propagar aquilo que é. Todo espaço então remete a lembranças provindas do uso e a unidades entre o homem e espaço configuram ao lugar um sinal sagrado que humaniza e cria laços de cuidado para com ele. Segundo o geógrafo Milton Santos (2014) é no espaço que o ser humano ao adaptar-se o transforma de acordo com suas necessidades, e ali são estabelecidas relações humanas, sociais e históricas.

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. [...] O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá [...] (SANTOS, p.153. 2004)

Todavia pode ser uma tentativa humana sempre resgatar e manter suas memórias vivas, sejam através do registro histórico, sejam através de fotos ou qualquer outra forma que sele a existência de um momento demarcado no tempo. Mas na tentativa de manter vivo aquilo que o tempo faz cair no esquecimento o homem luta para manter vivas suas lembranças, pois sabe que sua existência é finita.

Para tanto o homem utiliza da memória para que o espaço e sua vida perfaçam a “palavras do lugar” e com o sutil sussurro das paredes o espaço comunique seus sentimentos e sua história. Assim se dá a histórias das cidades, dos encontros e dos espaços.

1.1- A memória e a história

Este trabalho foca as memórias coletivas e as relações de uso com o centro urbano e suas transformações. A memória está presente em qualquer lugar, seja através do olhar, seja do olfato, ou qualquer outro sentido que aguça lembranças. O toque, a essências pode nos revelar fragmento de memórias que nelas estão contidos valores, isto é significados, símbolos, crenças e valores culturais.

Para tanto a cidade tem o privilégio de ser o lugar onde o usuário escreve a história do urbano e preserva a memória do seu repertório coletivo (FERRARA Lucrécia, 1986). A arquiteta e urbanista Lucrécia Ferrara nos recorda que é preciso despertar valores ou juízos e buscar uma compreensão entre passado e o presente, entre as sensações de ontem e de hoje (1997), para que possamos entender o espaço.

A história da cidade enquanto história de sua recepção dinamiza sua perspectiva e da outra dimensão à história no espaço urbano reavaliando o seu estatuto científico e de pesquisa nessa visão a história não é coleta de referências factuais, mas compreensão das questões que a cidade coloca. Pois é o espaço onde a história se dá e esse sentido implica percepção, não somente do passado como o passado, mas do passado enraizado no presente. (FERRARA, L. A estratégia dos Sinos, p.123. 1986).

Assim sendo, na cidade temos uma história dos usos ou o uso como história, pois o repertório de um ambiente urbano é tradição e tradução de usos (FERRARA L. 1986). Além disso, o espaço seja ele o ambiente de uma casa, seja uma paisagem, a rua, a cidade sempre haverá neles sentimentos apropriados pelo indivíduo que habitou (uso) e acarretou uma relação com o espaço vivenciado.

Assim também é a realidade do centro do centro urbano que perpassou no decorrer da história por diversas transformações e usos. Podemos afirmar que existe uma relação entre história e memória: a história deve esclarecer a memória e ser imparcial, enquanto a memória é a interpretação da história, que envolvendo a percepção.

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. [...]. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, p. 9, 1984).

As memórias correlacionadas ao uso dão importância aos lugares, isso é aplicado na observação do cotidiano. Na arquitetura o espaço pode expressar de várias

formas suas memórias, elas podem ser anunciadas por uma linguagem não verbal (FERRARA, L. A. 1997), por um monumento, marco, prédio histórico. Uma característica das memórias é que elas podem ser de ordem coletiva, por exemplos, ambientes como a praça, a igreja, o mercado ou de memórias individuais, ou seja, o mesmo espaço impregnará sentidos diferenciados a partir dos usos e experiências, portanto a memória é coletiva e passível de uma multiplicidade de interpretações a partir da ótica do indivíduo (FERRARA, L. A. 1997).

1.2 - As memórias e o centro urbano.

Muitos ambientes no centro urbano fazem parte das memórias coletivas da cidade: a praça, a igreja o mercado pontos que perfazem muito mais do que um simples marco arquitetônico. Esses por sua vez, tem o privilégio de ser o lugar onde o usuário escreve a história do urbano e preserva a memória do seu repertório coletivo (FERRARA, L. 1986). Esses lugares definem uma importância significativa, pois eles podem estar repletos de lembranças que o tempo pode apagar, mas ao mesmo tempo permanece viva no lugar as memórias de seus usuários (FERRARA, L. 1997).

A arquitetura está impregnada de significados manifestos pela memória ou pela imaginação. As edificações, as construções que nos cercam, estão cheias de intenções e de símbolos. Sejam elas estéticas, políticas, econômicas, sociais... São testemunhas de toda ou parte da história da civilização, da humanidade. Elas formam uma moldura particular de cada observador. (BALDISSERA, A. 2014).

O edifício, a praça, a igreja, são poesias concretizadas, solidificadas pelo cotidiano, pela experimentação habitual do espaço, pelo ato de recordar e de imaginar. Não se pode pensar ruas, praças, avenidas, passeios, casas ou prédios como elementos autônomos, mas como fatores de um conjunto, por isso a cidade é o resultado da atividade do conjunto que dinamiza suas estruturas, isso construirá o contexto urbano (FERRARA, L. 1986).

Assim como afirma a autora e notável uma relação do centro urbano e vivência das memórias na vida de seus usuários. Assim uma cidade que não participa e nem cultiva suas memórias e histórias dificilmente poderá transmitir sua importância para a sociedade (BALDISSERA, A. 2014).

Para tanto é preciso uma linguagem arquitetônica na qual possam ser expressas coletivamente essas lembranças para que se torne algo subjetivo ao indivíduo e

solidifique no espaço valores significativos de uso e ocupação. Deve existir no espaço um valor do uso humano, pois este espaço faz parte de seu cotidiano e vivência memorial.

1.3- As relações topofílicas com o espaço.

Antes de expressarmos com uma visão mais conceitual sobre o termo topofilia e a relação com o espaço, devemos resgatar em nossa mente momentos e lugares que remetem a situações boas ou ruins, fatos ou quaisquer situações, todas elas estarão ligadas a um espaço, por exemplo, a praça, a igreja, a escola, a casa, o parque. Todos esses e outras são simplesmente lugares, mas a partir da experiência do homem com o espaço toma um valor e esse fato remete a esse conceito.

A Expressão topofilia é um neologismo definido por Tuan como “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107). A topofilia pode adotar assim variáveis formas, variando em amplitude emocional e intensidade. Podem ser considerados exemplos topofílicos distintos a apreciação estética, o contato físico com o meio ambiente, o patriotismo e a relação emocional da pessoa com seu lar e seus pertences.

Para tanto conceito esta vinculado com a apreciação que o indivíduo dá a alguma situação específica, isto é o termo associa emoções com meio ambiente e, ao fazer isso, promove a ideia de lugar.

“o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 1980, p. 129).

Segundo Tuan (1980), o lugar torna familiar às pessoas a partir das experiências de uso. Como pode um mero espaço se torna um lugar intensamente humano? O geógrafo humanista Tuan apela a interesses distintamente humanísticos como a natureza da experiência, a qualidade de ligação emocional dos objetos físicos às funções dos conceitos e símbolos na criação de identidade do lugar.

O lugar ou o meio ambiente são produtores de imagem para a topofilia, pois esta é mais que um sentimento difuso, sem nenhuma ligação emocional. O meio ambiente fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. (TUAN 1974: 129)

A relação do conceito topofilia remete muito aos estudos do Filósofo Leonardo Boff, onde ele relata a “sacralidade” única que cada indivíduo pode expressar diante de objetos e experiências de vida. Segundo ele essa relação de sacralidade que partem dos “sinais sagrados” que objetos pode tomar serão expressos a partir do cotidiano e uso e sentimentos de afetos (Sacramentalia 1975). Todavia a intenção maior do autor em sua obra é despertar a dimensão sacramental adormecida ou profetizada na vida do homem.

1.4 Deriva – Passos que configuram afetividade no espaço.

Anteriormente partimos de uma experiência topofílica, na qual o homem a partir dos laços afetivos se relaciona com o ambiente material criando vínculos. Todavia o mesmo que visualiza o espaço e cria vínculos, também caminha, passeia e desbrava. O caminhar e parte essencial da vida humana.

Caminhar é o início, o ponto de partida. O homem foi criado para caminhar e todos os eventos da vida – grandes e pequenos – ocorrem quando caminhamos entre outras pessoas. A vida em toda a sua diversidade se desdobra diante de nós quando estamos a pé (GEHL, J. p. 19 2015).

Hoje transitamos em meio a um cenário que foi formado, em sua maior parte, pelo extenso arquivo de memórias deixado por quem nos antecedeu. O princípio de nossa história foi construído a partir dos passos de outros homens e mulheres.

Para tanto, os passos são de extrema importância na construção de uma visão mais humanística do espaço urbano. A questão do movimento de corpos no espaço urbano é fonte de inúmeras abordagens e olhares tanto científicos quanto exploratórios ao longo dos tempos.

Sendo assim partimos da conceituação de alguns referenciais bibliográficos: entre eles "Walkscapes", do Francesco Careri, (2013) e Apologia da Deriva de Paola Berestein (2003), que configuram-se a partir deles o conceito de Deriva, e análise do caminhar como prática de uma visão mais humana e estética da paisagem.

O homem sempre marcou a história desbravando e adentrando aos espaços em busca de seus objetivos e o ato de atravessar o espaço nasceu da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para sobrevivência. No entanto, uma vez satisfeitas as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo (CARERI, 2013).

Saindo dos portos de suas cidades “sem destinos”, ou em caravanas como os povos nômades puseram se eles a construir a história. A partir da ação do primeiro passo foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território formando com ele cenários e suas histórias (CARERI, 2013).

O caminhar produz lugares antes do neolítico e assim antes dos Mineiros a única arquitetura simbólica capaz de modificar o ambiente era o caminhar uma ação que simultaneamente é ato perceptivo e ato criativo que ao mesmo tempo é leitura e escrita do território (CARERI, 2013 p. 51).

A obra *Walkscapes*, Careri apresenta uma abordagem que tenciona os limites entre narrativa historiográfica e etnográfica, onde busca demonstrar a história da construção da paisagem por meio do caminhar. Além disso, ele aborda o caminhar por meio dessa linha histórica que embasa a construção espacial sensível e coloca a evolução da experiência estética do devir como uma nova forma de escrever a história do espaço (NAVARRO, 2005).

O ato de caminhar é importante dentro da história humana, pois ele aproxima e faz com que exista relação mútua entre o homem e a conquista de novos espaços, sem contar que essa relação etnográfica delinea um perfil de como são os hábitos e comportamentos de um povo. Isso ajuda no entendimento da realidade atual e no desenvolvimento de um espaço.

Para tanto usamos da Teoria da Deriva que foi desenvolvida pelo grupo Internacional Situacionista e tem caráter exploratório do espaço urbano, ou seja, a partir dos passos eles configuram uma leitura da paisagem e tem como base desse método a psicogeografia¹ (JACQUES, 2003).

Os situacionais usam desse método para demarcar “o estudo dos efeitos específicos do ambiente geográfico, conscientemente organizado ou não, nas emoções e no comportamento dos indivíduos” interpreta a noção de deriva como “aquilo que manifesta os efeitos emocionais diretos do ambiente geográfico” quase como numa conversa entre corpo e ambiente construído. (AREND. N, BRAGA. A, ARED. N, 2017, p. 03)

Afirma os pesquisadores da 17ª ENAPUR que é indissociável a experiência de interação entre o corpo dos indivíduos e o espaço construído (2017), isto é, a partir de

¹ Concebida como “ciência” destinada a analisar e decifrar as interações entre humanos e contextos ambientais, a Psicogeografia avalia os efeitos do meio ambiente, ordenado conscientemente ou não, sobre o comportamento afetivo e os sistemas perceptivo e cognitivo dos indivíduos. Trata-se de um procedimento estratégico utilizado pela Internacional Situacionista, grupo responsável por importantes manifestações teóricas e comportamentais dedicadas ao Urbanismo Unitário.

seu comportamento relaciona-se o indivíduo com o espaço (habitat) e esse afetará em efeitos na experiência individual e coletiva.

As restrições do ambiente aos deslocamentos e informações sensoriais captadas perceptivamente pelos indivíduos em deslocamento no espaço, produzem efeitos sobre o seu comportamento, modificando a própria experiência do indivíduo. (AREND. N, BRAGA. A, ARED. N, 2017, p. 03)

A lógica da deriva está relacionada com a *sitologia*², esta associa os sistemas perceptivo e cognitivo por meio de experimentações com o espaço e no tempo presente, por meio da crítica e fundada na vida experimental que avalia as inter-relações dos habitantes com o lugar (território) e seus resultantes modelos de conduta (territorialidades). Essa prática ajuda a superar a visão cotidiana de personagens vivedores e coloca o homem como elemento participativo (JACQUES, 2003).

O caminhar coloca-se aqui como um ato crítico e sensorial. É primeiramente por ele que estabeço a cumplicidade do ‘meu corpo’ no ‘corpo da cidade’, ambos são porosos, se intercomunicam e se contaminam, são sensíveis quando exercitados e atrofiados quando são tolhidos, de forma que a cidade é posta como campo aberto para a experimentação artística através das intervenções urbanas, possibilitando a aproximação entre teoria e prática para o re-conhecimento dos processos contidos em sua essência (MARTINS, 2009, p. 6).

Esse ato participativo de caminhar revela os efeitos psicogeográficos do território sobre seus usuários; por combater os mecanismos de alienação e estratificação da vida social, a Deriva elimina as barreiras físicas e as patologias mentais exercidas pelo planejamento fragmentário e segregador do território; por eliminar os instrumentos racionais de conduta passiva substituindo-a pelo comportamento participativo a Deriva propõe a apropriação consciente dos espaços de habitar e a construção de um novo urbanismo.

1.5 Genius loci – O espírito do lugar – (A alma da cidade)

Retomando nosso ponto de partida: Buscamos a partir dos conceitos, reformular a identidade afetiva do espaço e configurar a ele uma qualidade de vida, que se perdeu em meio ao desenvolvimento urbano. No entanto mesmo sendo perdido a cultura, os costumes e até a arquitetura do espaço, permanece vivo nas memórias e nas expressões

² Neologismo derivado de uma espécie científica originalmente denominada por Leibniz de *analysis situs*, a *sitologia* em conjunto com a *sitografia* e a *sitometria*, dedica-se ao conhecimento do território por meio de valores humanos que substituam procedimentos dogmáticos e empirismos gratuitos. Corresponde à antítese dos ultrapassados paradigmas da geometria e à síntese da relação entre topografia e topologia

dos habitantes, um certo saudosismo que configura um sentimento de pertença ao lugar que habita.

Esse sentimento de pertença pode ser entendido a partir do conceito que retrata o “espírito do lugar”. Todo espaço é muito mais que paredes, construções e tijolos. Podemos dizer que o espaço em si, exala “sentimentos” e sua alma lateja e suas paredes ecoam memórias e lembranças. Além do mais cada espaço esta repleto de marcas que conotam mais do que simples construções, mas a alma da cidade.

Cada indivíduo pertencente a um lugar e traz geneticamente sua noção de existência a partir do seu eu. Seus hábitos, costumes cultura derivam de suas raízes, e essa por sua vez, fica enraizado a um lugar. O lugar traz consigo uma identidade (Genius Loci). Para tanto, é fundamental a compreensão que os lugares são possuidores de um Espírito, de uma Identidade e que isso os torna único onde o indivíduo também é único.

O termo *Genius Loci* refere-se ao espírito do lugar. Originalmente este conceito aparece no período Romano associando um gênio ao lar. Ou gênio do lugar. Lugar que é habitado e frequentado pelo homem. Ou seja, o lugar com um carácter, uma alma ou identidade própria. Os romanos antigos acreditavam que existia um espírito do lugar – o *Genius Loci* (genius – espírito, loci – lugar), e guardião de cada cidade. Cada lugar onde ocorria vida tinha o seu próprio *genius*, que se manifestava tanto no local como na configuração espacial e na caracterização da articulação. E este espírito dá vida às pessoas e aos lugares e determina o seu carácter. A própria identidade humana pressupõe uma identidade do lugar (NESBHT, K. 2006).

Hoje o termo refere se a teoria da arquitetura que aborda a fenomenologia e fala da interação entre lugar e a identidade dela com o espaço. Assim sendo o termo *Genius Loci* diz respeito, portanto, à expressão conjunta das características naturais e construídas. O conjunto de características, naturais, de luz, morfologia, materiais, bem como socioculturais, arquitetônicas, de linguagem, de hábitos que caracterizam um lugar, um ambiente, uma cidade. Indica o "caráter" do Lugar. É a manifestação das *forças* desse lugar, das suas qualidades locais e revelação de um caráter transposto para a vivência do Homem. (NESBHT, K. 2006).

Assim espaço e lugar, seja ele natural ou construído tem uma ligação íntima e deve estar em ligação recíproca. A intervenção humana tem a função de transformar não só lugar, mas fazer com que o espaço sempre se torne algo qualitativo ao ser humano. Afirma Norberg-Schulz, que não podemos habitar verdadeiramente um lugar qualquer, isto implica um conjunto de qualidades e relações (1980), ou seja, e de extrema

importância o pensar do espaço a partir da ótica do indivíduo, qualificando assim sua estadia no espaço e não um mero conjunto de obras arquitetônicas.

O ser humano cria laços e a partir desses eleva a uma reação afetiva com o lugar e a arquitetura. Para Norberg-Schulz o ato mais básico da arquitetura é o de compreender a “vocação” do lugar. Desta forma protegemos a terra e tornamo-nos nós mesmos parte de uma totalidade compreendida.

A arquitetura é a concretização do *Genius Loci* (1980). Além do conceito de lugar Norberg-Schulz apresenta o conceito de habitar de Heidegger. o conceito de habitar encontra-se inteiramente relacionado com a própria existência do Homem, (*dimensão existencial*). Este conceito abrange as relações básicas entre o Homem e o seu meio ambiente.

2– A CIDADE: A CATEGORIA HUMANIZADORA

A cidade é mais do que a somatória dos seus habitantes, ela é a uma unidade geradora de bem estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem, pois ali podem viver em comunidade do que viverem isoladas (CULLEN G, 1987). A cidade é, mas que um conjunto de edifícios e pessoas ela é palco de atratividades, cenário dinâmico que seduz e embriaga seus frequentadores.

Ela é também acolhimento de pessoas refugiadas, seus becos e pontes são berços de histórias, tudo na cidade está repleto de memórias, no entanto ela é uma organização mutável com fins variáveis um conjunto com muitas funções criadas por muitos (LYNCH, K. 1960) e com o passar do tempo pode ser perder o valor pelo espaço utilizado.

A cidade dentro de sua formação espacial pode ser destacada a partir de pontos memoráveis, marcos referencias, Kevin Lynch em seu livro “A imagem da cidade”, este retrata que os marcos trazem uma característica singular, pois são de extrema relação visual ou memorial para as pessoas. Afirmo Lynch, que todo cidadão possui numerosas relações com algumas partes da cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações (1960, p. 11).

Anteriormente falávamos de conceitos que de certa forma exprimem que o espaço e a arquitetura são muito mais que um conjunto obras arquitetônicas. E acima de tudo o mais importante é que a arquitetura deve ser voltada para o homem. Essa relação entre espaço e o homem é palco de diversas relações, entre elas o afeto, as memórias e essas por sua vez, configuram no espaço uma relação diferenciada de usos.

Um dos questionamentos primordiais dessa pesquisa foi: seria possível haver qualidade de vida no ambiente urbano longe da realidade caótica que ela opera? Quando falamos de cidade, o imaginário já traz a confusão dos grandes centros, as grandes ruas, o barulho e o aglomerado de pessoas. Dificilmente vêm à mente um espaço que lhe é agradável, que lhe traga conforto e seja um espaço em que possa usufruir.

Todavia, vem à mente tempos saudosos que relembram fatos que marcaram a trajetória daquele espaço, é comum ouvirmos: antigamente esse lugar era melhor. Por

isso, que partindo das memórias e usos ousamos regatar um espaço mais viável a permanência das pessoas.

A cidade como já dito fora cenário dos encontros, das relações e antigamente as pessoas saíam da realidade rural para se encontrarem na cidade. As praças e o mercado eram ambientes de troca, tanto no âmbito comercial, quando no diálogo do cotidiano. Era ali que a vida se fazia presente e as memórias de uma cidade se construía a partir dos encontros nos pontos importantes. Quando uma cidade era formada já erguia a capela, e outros marcos como o mercado, a câmara e a cadeia, esses eram pontos de hostilidades e relações públicas.

2.1 Morte e vida das cidades

Como podemos observar essa realidade de pequenas cidades se perdeu e deu margem aos grandes centros urbanos. E os diálogos foram reduzidos aos ruídos dos carros e os passos agitados dos “passageiros” não criam mais essa hostilidade. Jacobs em seu livro “Morte e vida das grandes cidades” (1961) resgata as ricas pré-existências da cidade multifuncional, compacta e densa onde a rua, o bairro e a comunidade são vitais na cultura urbana.

Em seus escritos deixava claro que era muito mais importante um urbanismo saudável onde uma criança pudesse usufruir do espaço, do que as múltiplas críticas diante da crise urbanística da época. Manter a segurança da cidade é tarefa importante, mas incluindo as ruas e as calçadas (Jacobs, 1961). Para ela uma rua segura é a que propõe uma clara delimitação entre o espaço público e o privado, com gente e movimento constantes, quadras não tão grandes que conformem numerosas esquinas e cruzamentos de ruas; onde os edifícios tenham visão para as calçadas, para que muitos olhos a protejam (Jacobs, 1961).

Sua visão revolucionária para época emergia muito com essa visão mais humanística da cidade. A cidade perdeu seus ares de encontro e se tornou o grande palco das relações babélicas. Outro ponto importante que Jacobs defendia eram as relações comunitárias, e afirma que o conhecimento de pessoas na vizinhança é importante, pois esse aspecto é como a vitalidade do bairro.

Enquanto eu observava da janela do nosso segundo andar, tentando imaginar como intervir se precisasse, percebi que não seria necessário. Do açougue de

baixo do prédio, saiu a mulher que cuida do estabelecimento com o marido; ficou parada a curta distância do homem, com os braços cruzados e expressão muito decidida. Joe Cornacchia, que cuida da confeitaria com seus genros, saiu quase ao mesmo tempo e ficou firme, do outro lado. Várias cabeças despontaram nas janelas mais altas do prédio; uma delas saiu rápido da janela, e essa mesma pessoa reapareceu um momento depois na porta, atrás do homem. Dois homens do bar vizinho ao açougue vieram à porta e ficaram olhando. Do meu lado da rua, vi que o chaveiro, o quitandeiro e o dono da lavanderia tinham saído de seus estabelecimentos e que a cena também era acompanhada de várias janelas vizinhas à nossa. O homem não percebera, mas estava cercado. Ninguém ia permitir que uma garotinha fosse levada, ainda que ninguém soubesse quem era ela. (Jacobs J. p. 36. 2014).

Esse fato em seu livro retrata bem a realidade de uma cidade pequena, onde as paredes e os espaços são protegidos pelos muitos olhos e bocas. A cidade tinha essa mesma característica, todos se conheciam e as relações eram mutuas. Até o anúncio de um falecimento era facilmente propagado, todos eram interligados, pois a cidade era de todos. Por isso a urbanista tinha como chave de leitura a recuperação da vitalidade das ruas e como consequência um espaço mais seguro.

Vale destacar que a cidade é um grande cenário de vivências e das relações de poder, incluindo as tramas dos campos sociais, baseados em gênero, faixa etária e diferentes orientações, bem como as tramas das trocas econômicas e suas espacialidades.

Outro aspecto relevante a se destacar sobre as cidades é a crítica evidente em relação à função, uso e ocupação das construções, essas atreladas à infraestrutura, mas que não valorizam a escala humana, com um crescimento urbano indiferente às necessidades de cunho social (Martins, M. 2016).

“Muito mais do que um espaço urbano fechado, recortado por ruas e avenidas, construído com blocos de concreto e lajes de aço... a dominar todas as paisagens, a cidade é... um território de relações no qual cada cidadão/cidadã busca satisfazer suas necessidades e realizar seus quereres. (...) É uma realidade viva, pulsante. Ela é composta e compõe uma rede de fluxos de pessoas, mercadorias, matérias... energias em constante movimento. C. Lopes. p. 5-6

Por fim, para recuperar a qualidade de vida deve se voltar o olhar para o espaço público e rever nesse espaço as condições de vida, pois nele já estão enraizados o repensar a rua, a praça, o parque, a arborização e a paisagem urbana, aquela que nos permite humanizar o espaço público e experimentar o encontro, o intercâmbio e a diferença (Jacobs, 1961)

2.2 A imagem da cidade – conhecimento a partir da percepção

Dando seguimento outro tema relevante a pesquisa e entender a paisagem da cidade para compreendermos melhor a relação dela com o homem. Um aspecto importante é conhecer o espaço e saber o que ele é, e o que ele diz. Muitas vezes o espaço não esta sendo bem aproveitado, para tanto é preciso conhecer a paisagem urbana.

Aliás, para além da sua utilidade, a visão tem o poder de invocar as nossas reminiscências e experiências, com todo seu corolário de emoções, fato do qual se pode tirar proveito para criar situações de fruição extremamente intensas. São aspectos Paralelos como este que nos interessam, pois se realmente o meio ambiente suscita reações emocionais dependentes ou não da nossa vontade temos de procurar saber como isso se processa. (CULLEN, G. Paisagem urbana. p. 11 1983).

De acordo com Cullen, a paisagem urbana é a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano. Essa pratica de análise dos elementos e jogos urbanos provocam impactos de ordem emocional, ou seja, a partir dos sentidos se pode se perceber o sentido maior das cidades e suas paisagens. Longe das frias concepções podemos com Culler definir os centros urbanos.

Uma cidade é algo a mais do que a somatória dos seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem - independentes de outras razões - viver em comunidade a viverem isoladas. (CULLEN, G. Paisagem urbana. p. 30 1983).

Essa dimensão apresentada por (Cullen, 1983) na qual a cidade é um cenário de facilidades e atrativos torna ela como um grande imã, no entanto é preciso uma estrutura para que ela seja agradável aos que a procuram. No enteando se aqueles que a habitam, não vivenciam sensações prazerosas dificilmente conseguiram absorver a partir das sensações o espaço e suas riquezas.

Cullen apresenta o método da visão serial, ou seja, uma visão mais atenta do espaço. Um simples caminhar pela cidade pode revelar marcos e pontos que perfazem o extraordinário dentro do comum. Essa mesma visão serial muitos habitantes tem ao caminhar no centro e percebem a cada rua, a cada curva um marco de suas lembranças e esses se torna palco de suas relações de seu afeto. Cullen apresenta a visão serial como

uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas dentro dos passos uniformes da paisagem urbana (p. 11, 1983).

A progressão uniforme do caminhante vai sendo pontuada por uma série de contrastes súbitos que tem grande Impacto visual e dão vida ao percurso (como a leve cotovelada que se dá ao vizinho que está prestes a adormecer na missa) (CULLEN, G, p. 19. 1983).

Sabe-se ainda que os deslocamentos adquirem sentidos de direção a partir da experiência espacial. Para se conhecer a cidade deve se observa-la na escala do cotidiano através da chamada cinestesia, isto é espaços que possam ser experimentados, sentidos. Por fim dentro dessa busca de entendimento da paisagem a partir da ótica da visão vale destacar os estímulo que promovam à percepção do olhar. A visão serial como instrumento faz surgir um novo observador mais atento às suas emoções e aos espaços urbanos.

2.3 Urbanismo Humanizante – desafio de reunir as memórias

É fato visível que uma crise perpassa os grandes centros urbanos. Nos referimos a perda da qualidade de vida dos usuários, e outro fato que retratamos foi à perda das memórias do povo, essa por sua, esta intimamente ligada a conceitos como topofilia, Genius Loci que expressam uma arquitetura ou um espaço apropriado de sentimentos, de percepções simbólicas que relacionam o homem e o espaço.

Essa crise nos grandes centros urbanos, muitos especialistas, dizem estar a beira de um colapso, ou seja, vivemos dentro de um sistema no qual não comporta mais o ritmo que está se seguindo. A cidade feita para carros, o caos dos grandes centros comerciais, a falta de estrutura e áreas verdes e diversos elementos faz com que muitos recorram ao mundo lúdico de shoppings onde buscam uma maior qualidade de vida e um ambiente mais agradável para se viver.

Os velhos centros urbanos a cada dia mais são deixados de lado e a falta de estrutura os transforma em lugares de pouco uso chegando ao vazio das noites e ao tempestuoso centro de criminalidade e abandono. Claro que essa situação é comum e passa despercebido em muitos lugares, ainda mais com a descentralização dos centros, o a autonomia das periferias e outros elementos históricos e culturais e sócio econômico.

No entanto, o foco nesse trabalho é a importância do lugar como lugar de uso e suas memórias. Por isso, o centro abandonado ainda é digno de ser valorizado, pois traz

em si seus valores diretamente ligado as memórias coletivas das pessoas. Isto é, muitos dos ambientes que já foram um lugar de utilidade e vivência das relações humanas pode ser resgatado pelo valor simbólico que o espaço já teve.

Parece-me que agora o desafio está em combinar as virtudes do antigo com uma resposta criativa para o novo - construir lugares para viver que tenham sentido de lugar e encantamento moderno (HECKSCHER, A. A crise das cidades. p. 67. 1975).

Um dos grandes desafios é romper com esse ritmo de crescimento desumanizante e reencontrar no passado valores que refaçam uma nova visão de urbanismo que estime a pessoas e suas necessidades sensoriais, culturais e redesenhem o espaço a partir da ótica do ser humano.

Nos tempos atuais podemos dizer que a arquitetura moderna desprezou um conjunto de valores em sua proposta de remodelação dos espaços do homem. É importante buscar uma humanização da arquitetura, dos espaços de uso e fazer com esse se torne o foco do desenvolvimento.

Pra tanto é preciso buscar a categoria de um urbanismo e uma arquitetura mais humanizante, essa evoca imagens de melhorias na nossa vida diária. Mas o que é um urbanismo mais humanizante?

A cidade é muito mais que a sua manifestação concreto-arquitetônica. Interessa-nos conhecer também a cidade enquanto representação perceptiva. A cidade que além de imagem, tem som. Tem gostos, cheiros. A cidade que se sente de corpo inteiro, na brisa ou no calor escaldante. Porém, mais que tudo, interessa-nos conhecer a única cidade real para cada um de nós. Pois a cidade de todos não é falsa, mas tão pouco é real. A cidade de todos é a cidade da ciência. É a cidade das representações cartográficas, mas nos interessa as cidades dos cartões-postais. É a cidade das programações semaforicas, inobstante nos interesse a cidade do flâneur. É a cidade etéreo-tridimensional do holograma asséptico, quando nos interessa a pandimensionalidade nauseante da cloaca imunda que alguns chamam de “lar”. Não a cidade dos números, mas a cidade das vísceras. A cidade enquanto patrimônio de memórias, depósito de sentimentos. A cidade viva em cada um de nós. Dentro de cada um de nós (DANTAS, p. 6. 2013).

Esse trecho nos remete claramente a uma crítica, mas expressa que a cidade é a cidade das vísceras, das memórias como afirma Dantas, a cidade é o povo (2013), quando falamos de uma categoria humanizante partirmos do princípio de que o espaço criado valorize o ser humano, e a partir disso surja o intuito de resgatar a memória e o sentido dos espaços no cotidiano da pessoa para que assim possamos definir o espaço na categoria humanizadora.

Por fim, podemos afirmar que arquitetura é a marca definitiva da ação do homem sobre o ambiente. Ela torna-se, sem dúvida, o receptáculo privilegiado de um tempo significativo: como memória viva das culturas que a produziram, celebra os acontecimentos e as instituições importantes e, ao mesmo tempo, traduz uma visão do cosmos que impõe ao espaço indiferenciado a ordem humana traduzida por um modo específico de estar e de ser. (3º Seminário Internacional de Arquitetura, Urbanismo e Design da Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2014).

Acima de tudo é preciso desenvolver uma perspectiva existencialista do urbanismo, cujo alicerce é o ser humano. Victor Hugo: “os animais vivem; o homem existe” (DANTAS, abud. p. 113. 2013).

2.4 A dimensão humana:

No percurso da história fatos como o aumento dos automóveis nos centros urbanos revelaram o desequilíbrio que afetou a qualidade da vida humana, a décadas as cidades estão caminhando para um trágico destino, ou seja “a morte dos seus centros urbanos” Autores como a jornalista e escritora Jane Jacobs já comentava no início da década de 60 o triste fim das cidades e seu desenvolvimento.

Constata Geh (2015)l que por décadas a dimensão humana tem sido um tópico do planejamento urbano que foi esquecido e tratado a esmo. Além disso, relata a problemática com o aumento dos automóveis, e afirma que o planejamento urbano deu baixa prioridade ao espaço público, as áreas de pedestres e ao papel do espaço urbano como local de encontro (2015).

Para tanto esses problemas apresentados por esses autores nos mostra a verdadeira realidade que perpassa nossos grandes centros urbanos. Um local que perdeu sua funcionalidade em nome de um desenvolvimento, ao qual negligencia a dimensão humana. Arquitetos como Jan Gehl abordam uma visão diferenciada frente a esse crescimento e enfatiza temas como: cidades cheias de vida, com segurança, sustentáveis e saudáveis, esses por sua vez são a base para a transformação e ponte para chegamos a essa categoria humanizadora do espaço público.

Contudo, nesse trabalho acrescentamos mais um aspecto importante para humanização do espaço que foi sendo esquecida diante do crescimento urbano essa por sua vez são as memórias e os sentidos que o espaço pode expressar a partir da identificação com ele. FERRARA, em seu livro *Leitura sem Palavras* revela um pouco

dessa identidade que o espaço pode obter a partir dos símbolos e memórias enraizados nele (1997).

A dimensão humana no espaço urbano, assim como da arquitetura, é de extrema importância, pois visa uma qualidade de vida para os usuários da cidade. Essa qualidade está vinculada ao uso do espaço e da apropriação por ele. Gehl retrata bem essa realidade quando afirma que a cidade é lugar de encontro, mas é preciso proporcionar caminhos que façam com que as pessoas possam usa-los, esse seria o requisito para a existência da vida urbana (2015).

Muito mais do que caminhos a cidade humana deve ser moldada e com ela nos apresenta um novo padrão de vida e um novo uso. No livro Cidade para Pessoas de Jan Gehl, mostra um pouco da transformação de cidades como: Londres, Copenhague entre outras que tomaram atitude simples que modificou a vida das pessoas. Por exemplo, a cidade de Copenhague que foi reestruturando sua rede viária, removendo faixas para automóveis e áreas de estacionamento em processo deliberado para condições melhores e mais seguras para o tráfego de ciclistas e pessoas (2015).

O fato que se pode notar nessa experiência e outras cidades como Melbourne, é a transformação na qualidade de vida e um espaço urbano mais vivo e participativo. A rua, a praça e a cidade acabam se tornando uma totalidade em função da pessoa.

Dentro dessa dimensão humana ainda a muito mais a se oferecer numa cidade do que caminhos:

Nas cidades (...) Há um contato direto entre pessoas e a comunidade do encontro, o ar fresco, o estar ao ar livre, os prazeres gratuitos da vida, experiências entre pessoas que compartilham o espaço público como plataforma e estrutura. (GEHL, J. Cidade para pessoas, p. 19 2015).

O espaço como local do encontro está imbuído de sentimentos, afetos e as memórias das pessoas se juntam para fazer do espaço um ambiente adequado para elas. As experiências e trocas geram para tanto o “espírito de um lugar” sendo mais agradável a elas e a coparticipação entre eles. Isso se dá nas atividades proporcionadas pelo espaço. Essas atividades devem emergir para reforçar e criar as pré-condições para fortalecer todas as formas de atividades sociais no espaço urbano (GEHL, J. 2015).

As atividades dentro dessa dimensão humana são de extrema importância. GEHL, J. fala que as atividades sociais exigem a presença de outras pessoas e incluem todas as formas de comunicação entre pessoa no espaço público. E afirma que se há vida no espaço urbano também a troca social (2015).

Assim sendo a partir de uma visão mais humana da cidade que valorize as relações sócias e aspectos importantes para o homem como o resgate de suas memórias podemos então concluir que esse é o ponto a se repensar para evolução das cidades. Caminhar pelos espaços comuns da cidade pode ser um objetivo em si – mas também um começo (GEHL, J. 2015).

2.5 A cidade viva: um planejamento voltado para pessoas

Para GEHL, o ponto inicial de um bom planejamento para a dimensão humana das cidades são as atividades humanas. Ele afirma que a cidade deve proporcionar boas condições para que as pessoas caminhem, parem, sentem-se, olhem, ouçam e falem (2015) e completa:

Se tais atividades básicas, ligadas aos sentidos e ao aparelho motor humano puderem ocorrer em boas condições, essa e outras atividades relacionadas deverão ser capazes de desdobrar em todas as combinações possíveis, a mais importante é a escala menor (GEHL, J. Cidade para pessoas, p. 118 2015).

Levar em consideração os sentidos humanos como fator avaliativo dos espaços é uma ferramenta de muita valia, pois se no espaço urbano a pessoa não consegue nem falar como poderia ela sentir confortável ali? Com isso a grande questão é: quais os fatores que faz um espaço urbano qualificado e valorize as pessoas?

O natural ponto de partida do trabalho de projetar cidades para pessoas é a mobilidade e os sentidos humanos, já que estes fornecem a base biológica das atividades humanas, do comportamento e da comunicação no espaço urbano. (GEHL, J, 2015).

A partir dos sentidos humanos e suas percepções memoriais temos então alguns pontos que são de muita valia dentro de um planejamento mais humanizante. Para tanto esses são: um espaço que garanta um bom caminhar, um bom espaço com qualidade de se permanecer, um espaço relacional, (encontros), relação com a escala, e a valorização de espaços que estejam ligados a memória coletiva.

2.5.1 Espaços para caminhar

A dinâmica do caminhar prefigura uma nova noção de espaço para o homem, o primeiro passo de um bebe muda totalmente o campo de visão e seu mundo passa a ter uma nova dinâmica. Basicamente o andar é um movimento linear que leva o caminhante de um local ao outro, mas também é um propósito de mudança de direção. (GEHL, J, 2015).

A caminha é um fator importante dentro da relação humana e alguns fatores colaboram para que este tenha um bom desempenho. Primeiramente par ama boa caminhada um espaço relativamente livre e desimpedido.

2.5.2 Um Espaço relacional

Outro fator importante é que os espaços garantam as pessoas poderem usufruir e permanecer no local. A qualidade urbana é tão crucial para as atividades opcionais que a extensão das atividades estacionárias pode ser usada como padrão para medir a qualidade da cidade, (GEHL, J, 2015). Ou seja, uma cidade com muitas pessoas usufruindo do espaço seja das praças, dos ambientes sociais e um aspecto positivo. Festas, eventos e ações sociais que agrupem as pessoas são necessários.

Uma cidade boa para se encontrar e conviver é fundamental. Cidades com boas oportunidades para atividades humanas básicas: ver, ouvir e falar (GEHL, J, 2015) são base de uma construção humanizadora da cidade. A cidade é a arena dos encontros e a partir desses sentidos básicos ver, ouvir e falar podemos analisar os espaço em nossas cidades.

3 - ESTUDO DE CASO:

3.1 A Deriva como fonte de descobertas – passos que revelam o urbano.

Como método de análise do espaço tomamos por base o estudo de caso realizado em 2014 do Arquiteto e Urbanista Artur Cabral. Esse por sua vez, retrata as experiências de paisagem ao longo do vale do córrego Piqueri e em seus arredores nas bordas ao norte da cidade de São Paulo.

Esse trabalho utiliza de instrumentos, cartográficos, fotos, mapas com pontos significativos dentro da área de estudo por ele. Para tanto ele utiliza do método da Deriva para conseguir visualizar através dos passos uma nova ótica do bairro a partir da escala humana. Os estudos sobre os córregos, afirma Cabral que partiram de experiências visuais, no percurso de ruas, ao qual era trajeto do seu cotidiano em meio a paisagem.³

. **Figura 1: Foto aérea Córrego do Piqueri 2006.**



Fonte: Artur Cabral 2014.

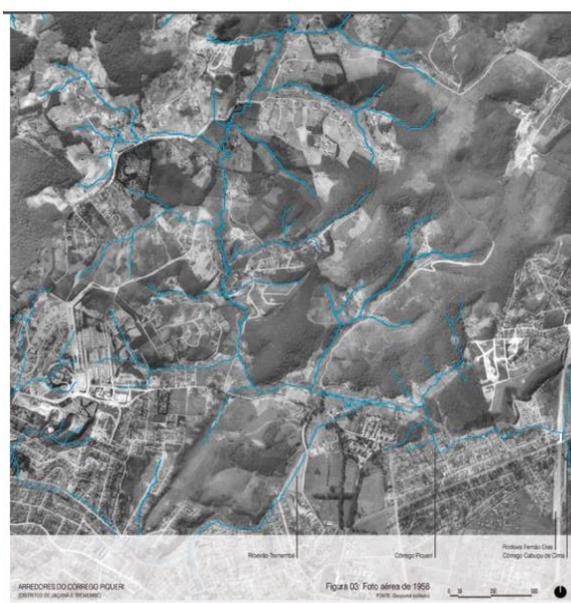
³ Usando o método da Deriva, ou seja, caminhar e analisar a paisagem, descobriu que becos podem revelar coisas ocultas como, cursos d'água ainda vivos e espaços cheios de vida e até cenários naturais (2014). Juntamente do método da Deriva e através de fotos desenvolveu cartografias e de uso de solo o qual revela ponto de recuperação do córrego e um cenário escondido que somente através dos passos pode se observar.

A partir de bases cartográficas ele apresentou um pouco da evolução urbana e do crescimento as margens do Rio. Com isso demonstrou o quanto isso foi afetando a dimensão humana e o desenvolvimento das pessoas em torno daquele espaço.

Como procedimento para o desvelamento de uma paisagem possível nestas bordas, realizou-se diversos percursos, nos quais se procurou seguir as linearidades dos cursos d'água em diferentes horários e ocasiões. No que diz respeito à representação dos territórios percorridos, por sua vez, a elaboração de mapas, articulados a textos, fotografias e desenhos diversos, correspondeu a um modo de sintetizar a percepção dos trajetos empreendidos, intermediando olhar e espaço.

Conforme as cartografias (Figura 2, 3, 4, 5.), o autor do projeto faz uma análise evolutiva do uso e da ocupação do solo e os pontos de maior concentração da mancha urbana.

Figura 2: Arredores do Córrego 1968



Fonte: Artur Cabral 2014.

Figura 3: Situação do Córrego 1900



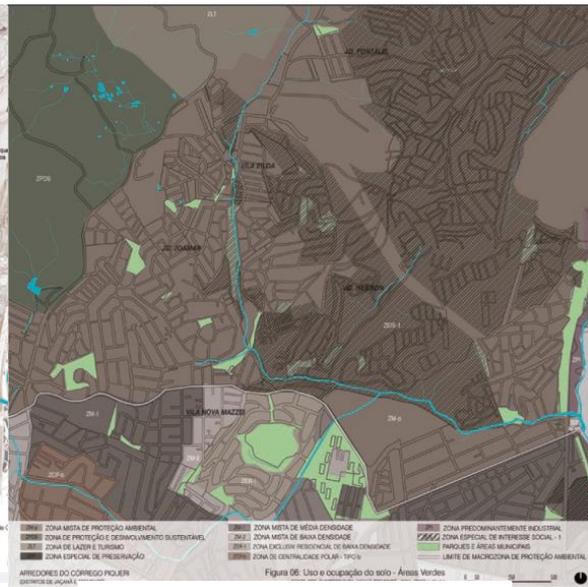
Fonte: Artur Cabral 2014.

Figura 4: Arredores do Córrego



Fonte: Artur Cabral 2014.

Figura 5: Arredores do Córrego



Fonte: Artur Cabral 2014.

Outro ponto importante no método usado para observar a paisagem foi o uso de fotografias. Essas revelam o cotidiano e detalhes de uma paisagem que esconde sobre o véu dos becos e vielas. Para tanto a paisagem ainda se revela viva e intensa as margens do córrego.

Figura 6: Arredores do Córrego



Fonte: Artur Cabral 2014.

Figura 7: Arredores do Córrego

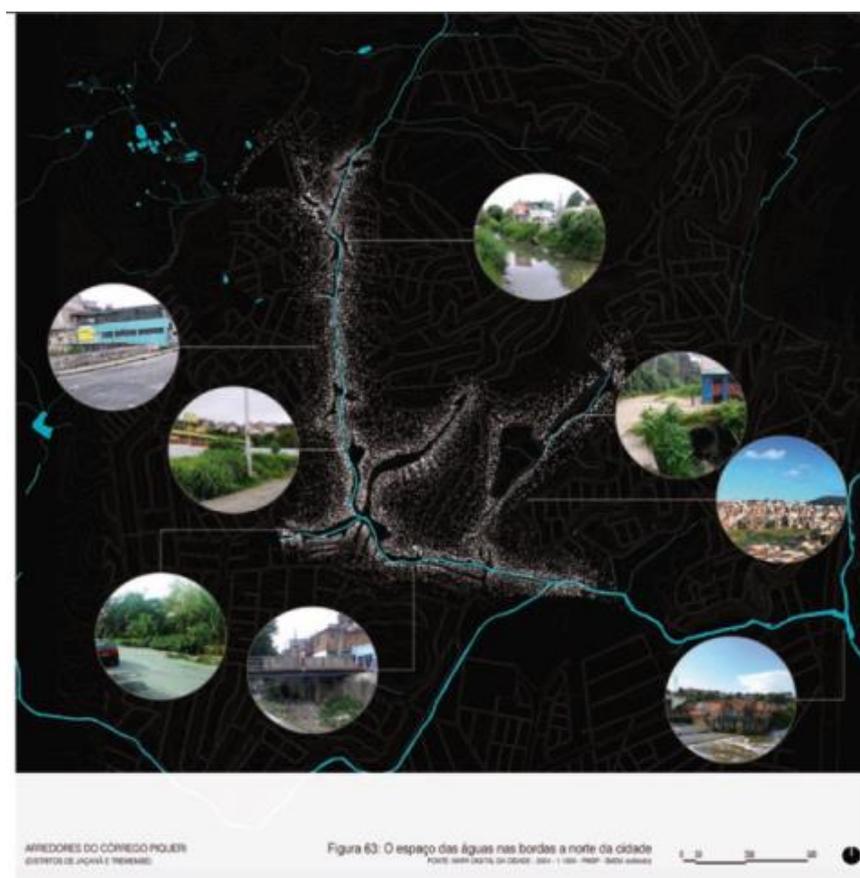


Fonte: Artur Cabral 2014.

Na conclusão de suas Derivas e na busca da compreensão da paisagem juntamente com as pessoas do bairro afirma Cabral, que a cidade de São Paulo se desenvolveu em um sítio cujas feições paisagísticas se relacionam intimamente à ação milenar das águas (Figura 8). Juntamente dos levantamentos pode-se relatar a rica extensão hídrica ocultada pelo fazer humano, mas desvendada ao passo que trouxeram a

tona, não apenas o reconhecimento da dimensão temporal de uma natureza que permanece viva, mas o entrelaçamento de afetividades ainda possíveis em relação aos córregos.

Figura 8: Levantamento Geral do Córrego



Fonte: Artur Cabral 2014.

3.2 O ambiente Urbano conceito e tipologia – Praça Da Sé.

O segundo estudo de caso tem sua importância nesse trabalho acadêmico, pois ele destaca a partir do conceito de cidade dado por Lucrécia Ferrara, o qual ela afirma que não se pode pensar em praças, ruas, avenidas... como elementos autônomos, mas como fatores de conjunto que dinamizam suas estruturas (1986). Para tanto, espaço e uso devem estar correlacionados por isso a cidade é esse ambiente onde o usuário inscreve na história e preserva a memória do uso coletivo.

Os estudos de Lucrécia enfatizam a importância do sentido do lugar e que as mudanças afetam em seus contextos (1981). Além disso, o uso e a forma com que a arquitetura vai tomando no decorrer dos tempos implica na vivência das pessoas. A Autora para mostra a partir da perspectiva e estudo de tipologias o ambiente urbano e as articulações de uso. Através de levantamentos fotográficos faz uma análise dessa relação de uso e espaço. Como exemplo de evolução de espaço urbano ela retrata a Praça da Sé.

3.2.1 Espaço e uso: Sequencia de fotos: Praça da Sé. São Paulo

Figura 9 – Praça da Sé 1860



11. Adro da Igreja de São Pedro da Pedra, 1860.

Fonte: A estratégia dos Signos –
Ferrara Lucrécia.

Figura 10 – Praça da Sé 1900



12. Largo da Sé, 1900.

Fonte: A estratégia dos Signos –
Ferrara Lucrécia.

Figura 11 – Praça da Sé 1907



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 12 – Praça da Sé 1910



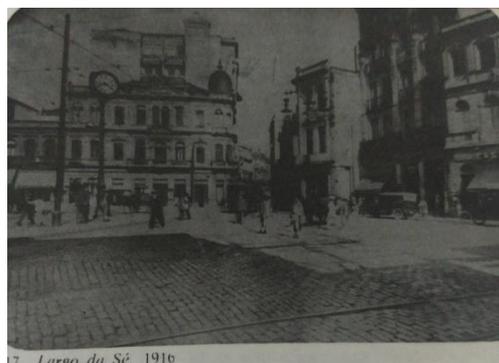
Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 13 – Praça da Sé 1915



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 14 – Praça da Sé 1916



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 15 – Praça da Sé 1933



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 16 – Praça da Sé 1952



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 17 – Praça da Sé 1972



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 18 – Praça da Sé 1975



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 19 – Praça da Sé



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 20 – Praça da Sé



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 21 – Praça da Sé



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

Figura 22 – Praça da Sé



Fonte: A estratégia dos Signos
Ferrara Lucrécia

A partir o do levantamento sequencial das fotos a autora percebe que o desenvolvimento urbano e o uso e ocupação da praça foram tomando funcionalidades diferentes. Para tanto a pequena praça de intuito religioso e suas procissões foram ao longo de décadas tomando ares de sofisticação, mas acima de tudo foi perdendo sua funcionalidade e uso. A praça se tornou cartão postal, mas apenas um espaço de fluxo e não de permanência de pessoas.

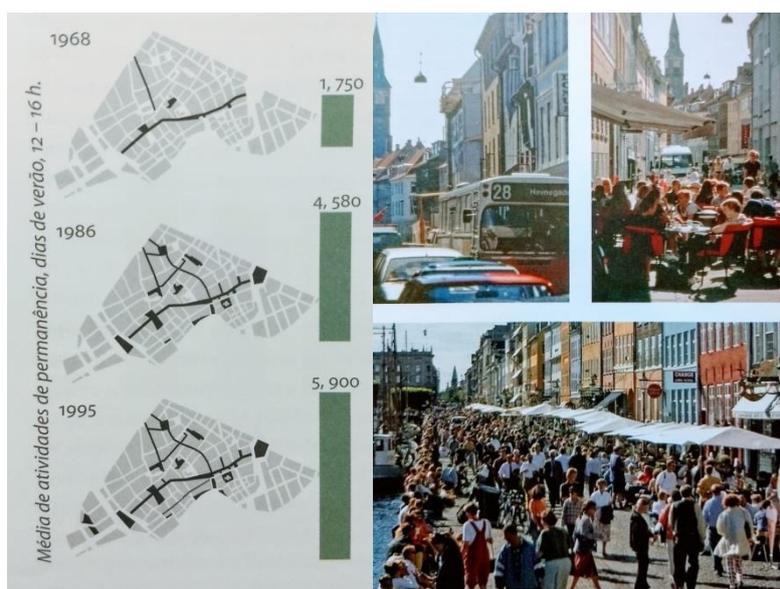
3.3 Cidades humanizadas

A partir da leitura e análise do livro Cidade para pessoas de Jan Gehl elencamos algumas cidades e situações que perfaz o conceito de uma cidade humanizada.

3.3.1 Copenhague – Dinamarca.

Um gradual processo foi iniciado em 1962 aumentou as áreas sem veículos em Copenhague. Estudos de 1968, 1986 e 1995, sobre a vida pública no espaço público, mostram que o índice de permanência aumentou. Quanto mais espaço é ofertado, mais vida tem a cidade (GEHL. J. 2015). Conforme a (figura 23) a retirada de estradas e ruas cheias de carros se deu espaço para um lugar mais cheio de vida e a ocupação só aumentou.

Figura 23 – Permanência no espaço urbano

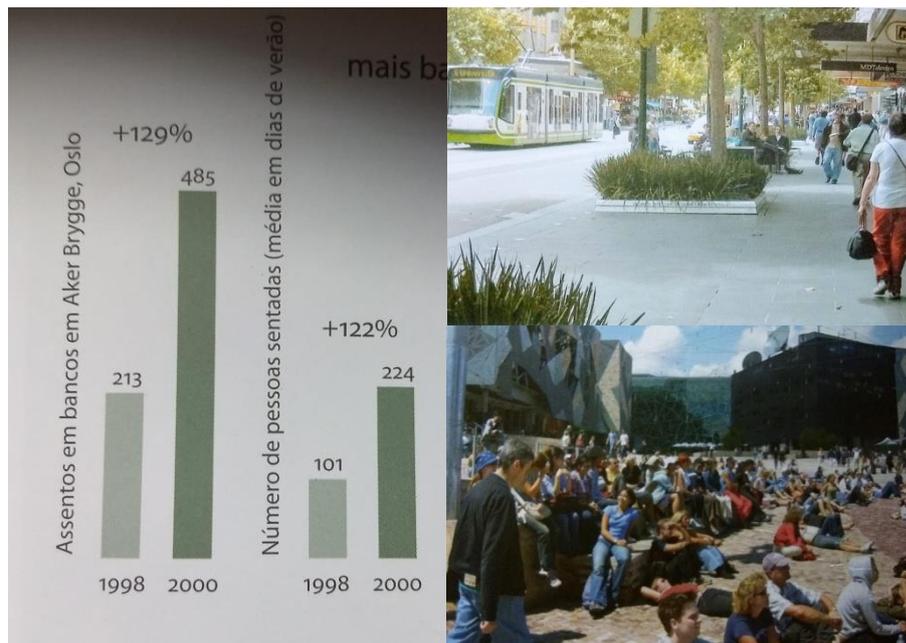


Fonte: Cidades para pessoas
Gehl Jan

3.3.2 Melbourne – Austrália. Tráfego de Pedestres

Essa cidade se destaca pela transformação na área central que antigamente era vazia. Em 1985 iniciou projeto de renovação urbana para transformar o centro num polo atrativo e cheio de vida. Entre 1993 e 2014, a cidade de Melbourne, implantou um amplo programa de melhorias das condições de vida na cidade. A cidade foi elevada a categoria de lugar de permanência (figura 24).

Figura 24 – Permanência no espaço urbano



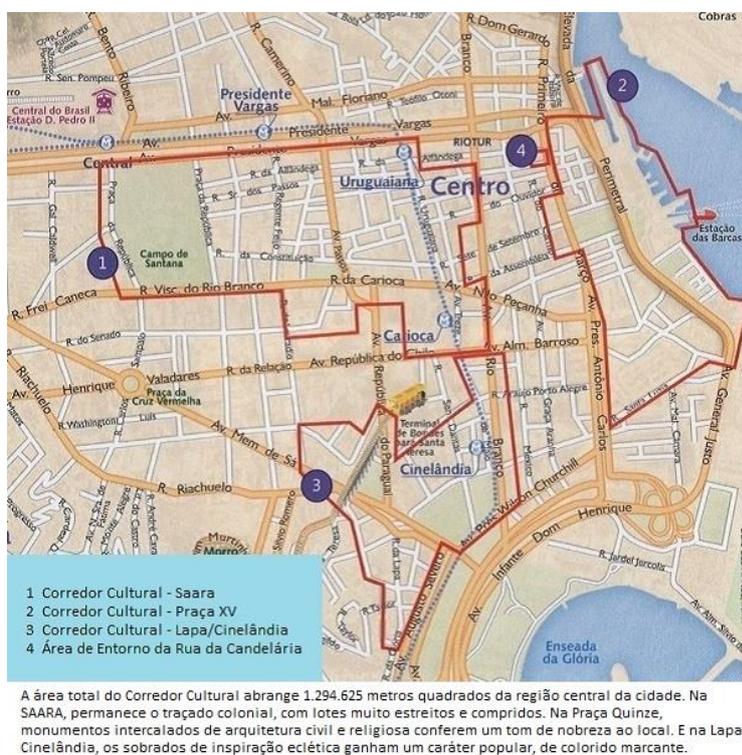
Fonte: Cidades para pessoas
Gehl Jan

A partir do estudo dessas cidades e outras como Brighton, na Inglaterra, Arhus na Dinamarca passaram por diversas transformações visando a pessoa humana. O intuito era fazer o convite às pessoas para caminhar pela cidade. Para tanto mudanças simples e reformulações maiores foram feitas ao longo dos anos. Colocar bancos para pessoas sentarem, calçadas mais amplas, estratégias verdes, enfim diversas melhorias que fizeram com que o aumento de pessoas no espaço urbano fosse agradável e eles permanecem ali.

3.4 Corredor Cultural do Rio

O corredor existe a cerca de 30 anos. Políticas públicas municipais voltadas à proteção do ambiente construído buscavam preservar o centro histórico do Rio de Janeiro. Além disso criou o modelo Apac – Área de proteção do ambiente Cultural Conjuntos arquitetônicos representativos das diversas fases de ocupação da cidade, com cerca de 30 mil imóveis, integram as atuais 36 áreas urbanas protegidas.

Imagem 25: – Corredor Cultural do Rio



Fonte: MultiRio

O objetivo era preservar a paisagem e como consequência foi um resgate a memória do povo que se apropriou do espaço para diversos usos. O Corredor Cultural nasceu de um trabalho que Augusto Ivan de Freitas Pinheiro apresentou, ainda na década de 1970, ao Institute of Housing and Urban Development, na Holanda, onde fazia uma pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional. Ele estava particularmente interessado na região da Saara – Sociedade dos Amigos e das Adjacências da Rua da Alfândega – e no comércio remanescente no local, apesar de todas as obras que, desde a virada para o século XX, reconfiguravam a ambiência carioca.

De volta ao Rio de Janeiro, o arquiteto foi convidado para trabalhar na Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e teve uma grata surpresa. “Partiu do prefeito Israel Klabin o desejo de levar o projeto adiante.” Após publicar diversos livros, inclusive sobre o Rio de Janeiro, e trabalhar como professor universitário, atualmente ele é assessor da presidência na Empresa Olímpica Municipal.

Imagem 26: – Limites – Corredor Cultural



Limites originais e subáreas do Projeto Corredor Cultural, RJ. (1) Saara, (2) Largo de São Francisco, (3) Praça XV e (4) Lapa.

Fonte: MultiRio

4 ÁREA DE ESTUDO.

4.1 Município de Taubaté

A cidade de Taubaté tem por área total de 655,9 km², suas coordenadas geográficas são: 23°01'30" de latitude sul e 45°33'31" de longitude ocidental (PREFEITURA DE TAUBATÉ, 2018). O município de Taubaté, localizado no médio vale do Paraíba, na região sudeste do estado de São Paulo, região sudeste do Brasil. Encontra-se no eixo de circulação entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, grandes centros produtivos e de concentração populacional do país, com um posicionamento privilegiado. Cortado pela Rodovia Presidente Dutra, o município se encontra a 125 km de São Paulo e a 278 km do Rio de Janeiro.

Figura 27: Cidade de Taubaté



Fonte: Wikipédia

4.2 Contexto histórico:

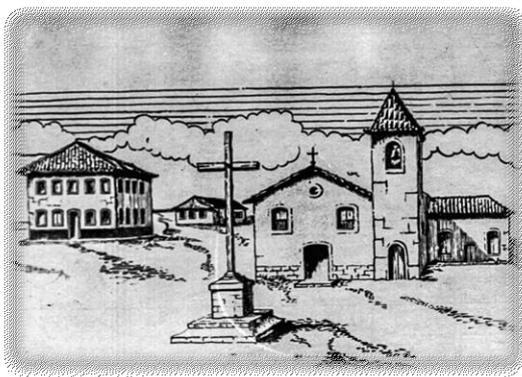
A história de nossa região, ou seja, o Vale do Paraíba é marcada por diversos ciclos e dentro de sua formação perpassa desde os desbravadores que saíram da vila de São Paulo de Piratininga, que adentrando a mata Atlântica foram formando os pequenos povoados e caminhos em busca do ouro. Além disso, perpassa nossa região pelos ciclos do ouro, do café e mais tarde pela industrialização da região.

O surgimento das cidades na região do Vale do Paraíba foi sendo desbravada, e a região da vila de São Paulo do Piratininga que alcançava as margens do rio Paraíba do Sul, foi sendo traçado muitos caminhos. (Mendes, 2011). Assim se deu a formação da cidade de Taubaté como muita outras.

A história relata que aos 20 de janeiro de 1636, o desbravador Jacques Félix foi enviado pelo Governador da Capitania de Itanhaém, Francisco da Rocha, para pacificar índios, descobrir minas e demarcar as terras da Condessa de Vimieiro, cujo limites até então eram desconhecidos.

Jacques Félix se impôs na região conquistada e aos 30 de junho de 1639 deu-se início a um povoado, onde já havia uma aldeia de índios Guaianazes. Neste mesmo ano deu-se início a construção da Matriz de São Francisco das Chagas, de taipa de pilão, a Cadeia e a casa de sobrado para o Conselho, também engenhos de açúcar e moinhos de trigo.

Figura 28: Cidade de Taubaté



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

A cidade de Taubaté, assim como outras, traz em suas construções esses marcos e destacá-los são de extrema importância no entendimento de sua história. Aos 5 de dezembro de 1645, foi elevada à categoria de Vila, recebendo a designação de São Francisco das Chagas, tornando-se centro de irradiação do povoamento das terras vizinhas na região e aos 5 de fevereiro de 1842 a Vila foi elevada à categoria de Cidade e que foi denominada Taubaté, que vem do vocábulo indígena e traz diversos significados ou interpretações como Itá (pedra) e Ybaté (altura) remetendo a Pedra alta; Tauá (barro) e Eté (legítima) denominando assim de Barro legítimo; Taba (aldeia) e Eté (legítima), o Aldeamento, Povoação legítimo.

Taubaté desde o início de sua formação trazia consigo características de uma cidade de acolhimento, pois dentro de seu desenvolvimento foi ponto de passagem obrigatória para quem saía de São Paulo e ia para o Rio de Janeiro e Minas Gerais, e vice-versa. Esse ponto de encontro se deu desde a época colonial, passando pelo período

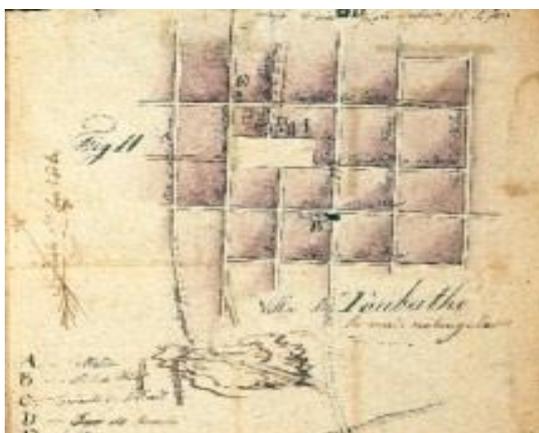
de desbravamento e nos ciclos onde a cidade funcionou como centro irradiador das bandeiras (VERAS, 1991).

“As cidades antigas atuavam sobre o espírito humano com a mesma força suave e irresistível de natureza encantadora, a cuja imagem fora construída”, (Camillo Sitte 1997, pág.14).

Diversas vilas e cidades brasileiras, assim como a vila de São Francisco das chagas tinha seu traçado reto, como “Tabuleiro de xadrez” que partia do ideal renascentista, resgatando valores da Antiguidade clássica (MENDES, 2011) e a concentração de edificações se mantinham próximas a Matriz, a Banda do tanque (atual mercado municipal), próximas ao Convento Santa Clara e a cadeia (Rua Pedro Costa).

Esse traçado urbano é um ponto importante a ser analisado, pois o desenho (Figura 28) proporcionava o encontro favorável ao centro da cidade, onde as pessoas se reuniam para comprar, conversar, ir a missa e fazer trocas no mercado. Essa era a rotina do centro urbano que tinha como característica principal o encontro das pessoas e lá formulavam a partir de diálogo a memória de um lugar.

Figura 29: Traçado de Taubaté



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

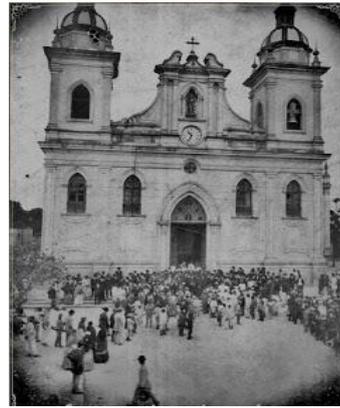
Outros elementos de a serem destacado na cidade eram o Mercado, e a praça que revelava-se como principal elemento urbano onde os habitantes se reuniam para as relações comunitárias: pregões, leitura de resolução camarárias, reuniões para procissão (Figura 31) ou festejos e feiras.

Figura 30: Praça D. Epaminondas



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

Figura 31: Praça D. Epaminondas



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

4.3 Visita técnica

Centro Urbano da cidade de Taubaté: A visita se deu em 5 etapas em dias diferenciados. Para tanto foi dividido a área de estudo em 4 partes, sendo que cada uma corresponde a trechos importantes na área central da cidade de Taubaté.

Figura 32 Área de estudo – Taubaté – 2018



Fonte: Google Earth 2018

A primeira visita foi realizada no dia 11 de março de 2018 tendo como ponto inicial a Rua Cel. Jordão, passando pela Rua Desembargador, contornando a Marques de Herval e retornando pela Rua Bispo Rodovalho e terminando o percurso na Rua Juca Esteves, além dessas atividades foram analisados os ambientes e as atividades em torno do Mercado Municipal.

Nessa primeira visita foi analisado a vivência das pessoas e o uso, juntamente com ritmo exercido aos domingos nessa região. Este espaço se modifica com a feira da Barganha. Existe uma grande concentração de eventos e trocas de mercadorias, mas o ponto mais interessante é que as pessoas que frequentam aquele espaço se conhecem e suas relações vão além da troca e venda de mercadorias (Figura 33).

Foram pontos de análise e estudo a mobilidade dos espaços, sendo que o critério a ser visto como ponto primordial foi a relação do homem e o espaço e qual qualidade que ela apresenta.

Figura 33: Visita Técnica de Reconhecimento – Mercado Municipal



Fonte: Própria

A segunda visita se deu no dia 16 de maio de 2018 na parte da tarde. Foram analisados o uso do espaço, iluminação, a paisagem, áreas verdes, poluição visual e auditiva, o mobiliário urbano, as ruas e a concentração das pessoas no espaço e seu uso.

Foi analisada as ruas Carneiro de Souza, Rua Visconde do Rio Branco, Rua Bispo Rodovalho e a Rua Duque de Caxias, tendo com ponto principal de análise a Praça Dom Epaminondas. Para tanto a visita mostrou um centro apenas de passagem, pois os lugares não são propícios e convidativos á permanência das pessoas. Um dos elementos que mais chamou a atenção foram as diversas bicicletas na praça (Figura 34). Além disso, o mobiliário urbano fica em pontos distintos da praça e aleatórios. Existe uma tentativa de um paisagismo, porém este não proporciona nenhum acréscimo significativo pra o espaço.

Figura 34: Visita Técnica – Praça D. Epaminondas



Fonte: Própria

Por fim um dos aspectos positivos que a praça ainda apresenta certa beleza, porém escondida em meio à poluição visual.

Figura 35: Visita Técnica – Praça Dom Epaminondas



Fonte: Própria

A terceira e quarta visita foram realizadas como experiência de Deriva como parte avaliativa do espaço e a qualidade que ele oferece aos usuários dessa região enquanto caminhantes do espaço público. Ambas se deram no dia 01 de maio de 2018. Foram percorridas as Ruas: Visconde do Rio Branco, a Praça Monsenhor Silva Barros, a R. Duque de Caxias e por fim a Rua Sacramento terminando no Largo do Rosário. Esta por sua vez teve como ponte de análise a qualidade das ruas e calçadas e a pessoas enquanto pedestres, além disso, como se dá o trajeto e a mobilidade nessa área percorrida.

4.4 Áreas de estudo

A área de estudo é uma parte do centro velho da cidade de Taubaté. Esta área foi escolhida, primeiramente, pois foi à área que foi feito as diversas visitas a partir do conceito de Deriva. Todavia ela abrange um trecho significativo de pontos cruciais que foi salientado na pesquisa de opinião, e faz parte da vivência das pessoas e conotam diversas realidades dentro do tema pesquisado, ou seja, as relações humanas e sua identificação memorial pelo espaço e uso. Essa área foi escolhida pela diversidade de elementos arquitetônicos, marcos, praças e locais de encontro.

O espaço a ser analisado pode abranger alguns marcos referenciais de tamanha importância na vida de seus frequentadores sendo eles: a praça Dom Epaminondas, Convento Santa Clara e Praça Monsenhor Silva Barros, Mercado Municipal, e Largo do Rosário, entre outros.

A área de estudo é parte do conhecido “Centro Velho” que norteia parte do primeiro traçado da cidade (1820). Destacamos conforme a (Figura 36) que a área de estudo comporta um eixo onde existe um aspecto social, religioso e cultural. Além disso, é um espaço com diversas praças e estes desembocam para o coração da cidade que é o Mercado municipal, centro e arena das relações humanas nas feiras dominicais.

Figura 36: Área de estudo – Taubaté - 2018



Legenda

- | | | |
|---|--------------------------------------|--|
|  Limites de Estudo | 3 - R. Conselheiro Moreira de Barros |  Pontos Memoriais |
|  Inserção do Corredor Cultural | 4 - R. XV de Novembro | A - Pç. Mons. Silva Barros |
|  Calçadas | 5 - Av. Desembagador | B - Capela do Pilar |
|  Vias | 6 - R. Juca Esteves | C - Pç. Dom Epaminondas |
| 1 - Av. Nove de Julho | | D - Largo do Rosário |
| 2 - Av. Granadeiro de Guimarães | | E - Mercado Municipal |

Fonte: Google Maps, Levantamento próprio

Partindo das vistas técnicas e dos levantamentos fotográficos elencamos nessa pesquisa os pontos mais importantes dentro do uso e vivência do centro urbano. Estes foram escolhidos, pois existe uma maior concentração de pessoas e estes são parte da memória e da história da cidade. Destacamos dentro da área de estudo alguns pontos a serem apresentados.

Estes pontos demarcados na (Figura 36) apresenta a área de estudo delimitada, os pontos mais significativos, ou seja, os que expressam o *Genius Loci*, entre outros pontos importantes dentro da pesquisa. Por sua vez estes podem marcar as relações de afeto e estão mais presentes na memória das pessoas e marcam não só vivência, mas o uso e a relação do espaço. Além disso, a área central corresponde ao núcleo inicial das relações da cidade, e estão próximas o mercado municipal que é o segundo ponto de maior referência da cidade.

4.4.1 Praça Dom Epaminondas (catedral)

Esse espaço está envolto de lembranças e é um dos maiores lugares de circulação de pessoas, sendo que foi a partir desse espaço que surgiu a ideia de desenvolvimento do trabalho acadêmico em estudo. A praça hoje é um espaço voltado à circulação de pessoas e ao comércio. Suas características são: lugar de passagem, as pessoas raramente param ficar, (pois o espaço não é próprio para isso). Anteriormente podemos perceber pelas (Figuras 37, 38 e 39) que o espaço passou por diversas transformações. A praça já foi espaço de diversas atividades entre elas se destaca a concentração religiosa de festas populares com a Festa de São Benedito (Procissões), eventos de ordem social e cultural etc. Hoje a praça ainda abriga um pouco dessas atividades religiosas, mas é ponto de passagem dentro do comércio local e sempre existe o confronto do uso do espaço dentro de suas atividades, sejam sociais, ou religiosas.

Figura 37: Praça Dom Epaminondas



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

Figura 38: Praça Dom Epaminondas



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

Figura 39: Praça Dom Epaminondas



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

Figura 40: Praça Dom Epaminondas



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

4.4.2 Praça Monsenhor Silva Barros (Praça da Eletro)

Essa praça dentro da história de Taubaté passou por diversas transformações, mas ainda é um dos ambientes que preserva pontos referenciais como o fórum (Figura 41). Antes de ser a praça do fórum ela abrigava o primeiro campo de esportes da cidade (Figura 42). A própria praça também passou por diversas transformações e hoje é um centro cultural de shows ao ar livre. A praça hoje é dia é muito conhecida popularmente como Praça da Eletro, pois abrigou o primeiro supermercado da cidade o Eletroradiobraz.

Figura 41: Estádio Monsenhor S. Barros



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

Figura 42: Praça Monsenhor S. Barros



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

Figura 43: Praça Monsenhor S. Barros



Fonte: MISTAU

Figura 44: Praça Monsenhor S. Barros



Fonte: Própria

4.4.3 Mercado Municipal, Barganha e a Bica do Bugre.

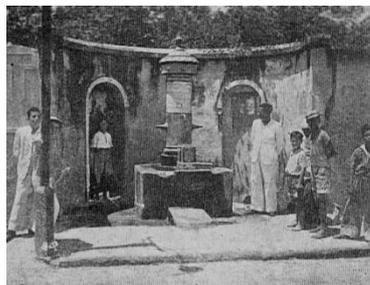
O mercado é um dos pontos mais antigos da cidade, ele abriga uma das mais antigas formas de relação, ou seja, a troca de mercadorias. Dentro do espaço do mercado abriga uma das mais antigas tradições da cidade que é a feira da barganha (figura 45), esse sim é marco memorial para todos os habitantes da cidade. E por fim outro elemento de ordem arquitetônica e que manifesta as memórias coletivas é a Bica do Bugre (Figura 45).

Figura 45: Feira da Barganha



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

Figura 46: Bica do Bugre



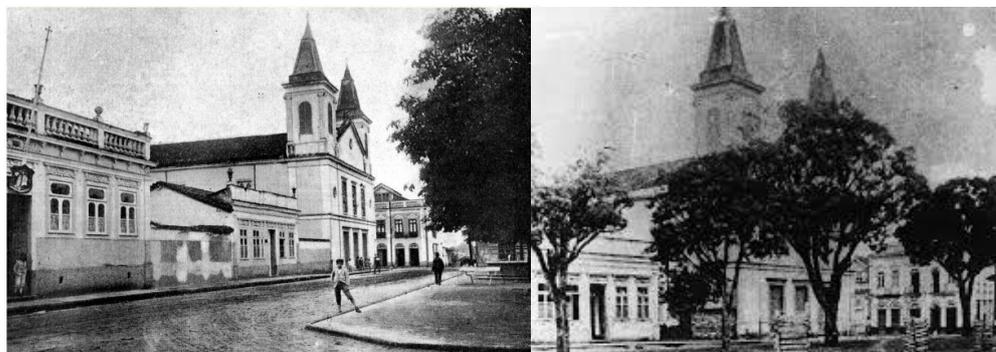
Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

4.4.4. Largo do Rosário.

O largo do Rosário sempre foi ponto de encontro e acolhida. Esta região era nobre e ostentava uma Capela e um palácio, sem contar as casas de nobres comerciantes. Neste cenário saiam grandes procissões, pois ali era a sede episcopal. Casarões como o lar da viscondessa e o palácio davam ao espaço um ar de sofisticação e

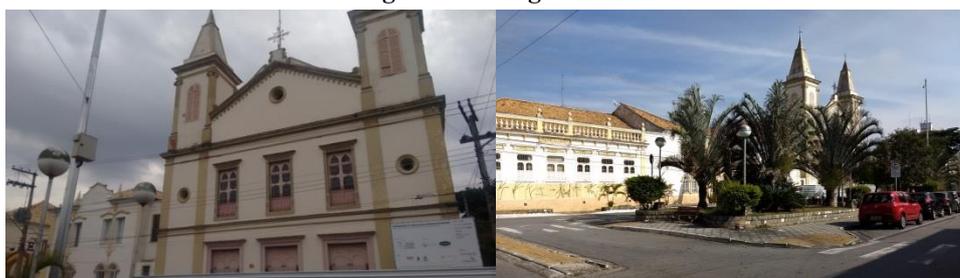
nobreza para a área. Essa praça era muito valorizada pelas pessoas da alta sociedade da época que desfilavam até a praça da catedral e iam participar das missas Dominicais.

Figura 47: Largo do Rosário



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

Figura 48: Largo do Rosário



Fonte: MISTAU – Museu da Imagem e do Som de Taubaté

4.5 Resultados avaliativos.

Após as etapas de pesquisas, levantamentos e análises da área central de Taubaté podemos apresentar alguns pontos a serem avaliados como pontos positivos e outros de caráter negativo. Para tanto, segue alguns levantamentos e seguimentos avaliativos e um conjunto de informações que ajudarão a elaborar e edificar o projeto.

4.5.1 Espaço de identidade familiar:

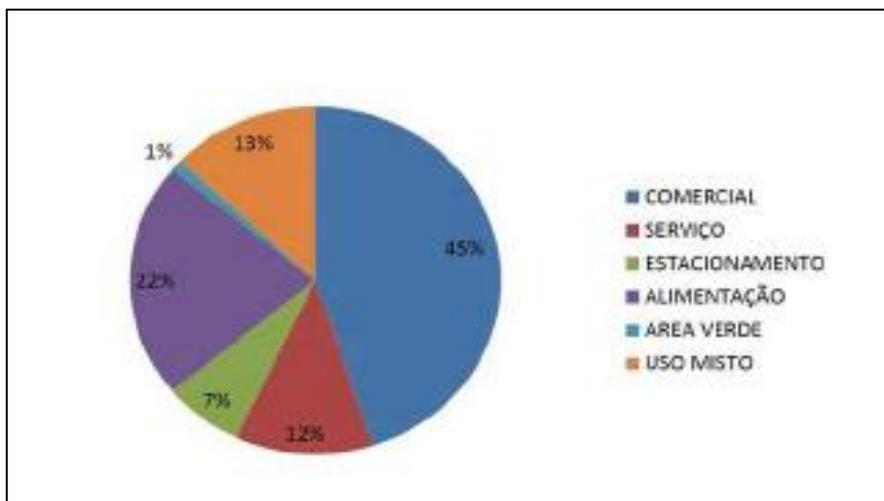
O primeiro ponto a ser avaliado é que a área estudada é de extrema importância para o povo da cidade, este por sua vez, constitui uma importância afetiva e memorial nas pessoas. Esse resultado foi promovido a partir das pesquisas de opinião e enquetes levantadas no decorrer da elaboração do trabalho. A área já conhecida como “centro velho” abriga ainda pontos e marcos da história das pessoas fazendo que o espaço seja imbuído de afeição e desejos de vivência. No entanto, o centro sofre com a falta de

planejamento e o crescimento desordenado, que gera uma supervalorização de carros e com isso o aumento de estacionamentos. Boa parte dos prédios históricos foi se perdendo e os poucos pontos de valor cultural ainda não são aproveitados, no entanto ainda temos marcos e ambiências do antigo centro.

4.5.2 Estudo do Solo:

A área central é basicamente constituída de comércio, no entanto abrigam na parte de cima dos edifícios algumas residências, parte dos prédios dessa região não passam de 6 pavimento com exceção de alguns em torno da Praça da Catedral. Segundo o gráfico apresentado (figura 49) podemos perceber que o espaço analisado decorre de muitas atividades comerciais conferindo a região atividades diurnas e semanais.

Figura 49: Uso de Solo



Fonte: Levantamento Próprio

4.5.3 Espaço de relações:

Como ponto positivo, apresentamos a ocupação e o uso das pessoas em trechos como a praça, a banca de jornal, a reunião no Mercado e na Feira da Barganha os pontos de encontro próximos a Igreja e alguns lugares específicos como a pracinha do Largo do Rosário. Aspectos do cotidiano entre eles: o diálogo e a afetividade entres os habitantes são típicos de uma cidade tradicional do interior, ainda se tem traços de uma cidade rural, pequena mesmo no processo de crescimento da cidade.

4.5.4 Perfil de ruas:

Outro ponto que podemos analisar como aspecto positivo são as praças que apesar de terem ruas estreitas elas têm pontos fáceis de ligação entre elas, gerando uma comunicabilidade entres esses espaços de eventos na extensão central. Essas praças são de tamanho significativo abrigam um espaço amplo com arborização, teatros e igrejas e são rodeados de serviços: entre eles praças de alimentação, bares e serviços diversos.

Essa região também tem grande facilidade de acesso com o Mercado Municipal e boa parte das pessoas da cidade se concentra nessa área, pois ela é um abastecedor de alimentos. A distância entre uma praça e outra e de mais ou menos 300 a 400 metros e ambas levam em média uma distância de 100 metros até o Mercado municipal. Esse aspecto é importante, pois pode ser um potencial de promover a maior circulação considerando um ambiente propício a se caminhar e realizar atividades sem o uso de veículos.

Por ser um centro antigo outros elementos de caráter negativo foram elencados. Em primeiro lugar a mobilidade, tanto pelo excesso de veículos como as ruas estreitas que percorrem boa parte dessa região. Conforme (Figura 50), que o perfil da rua é estreito e existe uma divergência de valores no que se refere a mobilidade. A Rua Sacramento tem trechos em que a Rua chega a ter 4,80m e as calçadas com menos de 80cm. Sendo que existe diversos obstáculos como postes (Figura 52).

Figura 50: – Perfil Transversal R. Sacramento



Fonte: Levantamento Próprio

Outro exemplo de perfil se encontra na Rua Duque de Caxias que confere a rua uma medida de 5,50m e trechos de calçada com cerca de 0,66cm. Sem contar que um lado da rua é reservado para estacionamentos.

Figura 51 - Perfil Transversal R. Duque de Caxias



Fonte: Levantamento Próprio

4.5.5 Mobilidade:

Concentra-se na região central junto à praça principal da cidade (Dom Epaminondas) o ponto central de embarque e desembarque de passageiros do transporte coletivo, pode ser avaliado como ponto negativo, pois deixa mais caótica a situação do lugar.

As ruas e calçadas são precárias, principalmente em ruas próximo ao Mercado e a Rua, Sacramento. Por ser uma área comercial boa parte do comércio popular se concentra perto da região confere ao lugar um número excessivo de carros.

Figura 52 : Visita Técnica – R. Duque de Caxias



Fonte: Própria

4.5.6 Fluxo de Transito:

A fim de procurar compreender a mobilidade da área estudada foi feito uma pesquisa pra ver como se dá o fluxo de carros na região central. Para tanto, foi levantado o fluxo em horários diferentes, e períodos diferentes, seja semanal, ou nos fins de semana.

Segue anexo a este trabalho o levantamento e quadro avaliativo do fluxo de veículos e trechos de maior significação para ambiência do projeto. Pode se perceber na área estudada um grande fluxo que acontece em períodos diurnos que corresponde as atividades comerciais e atividades cotidianas e sociais dos moradores, ou seja, boa parte do movimento caótico acontece em horários pela manhã e aos fins da tarde. Todavia a região fica deserta aos fins de semana.

4.5.7 Poluição visual e auditiva

Toda a região avaliada tem dois grandes pontos negativos, sendo eles a poluição visual, sejam elas de placas ou fios de da rede elétrica. E o segundo é a poluição sonora sendo que toda a extensão percorrida foi claro a percepção destes aspectos. Devido ao fluxo de carros o ambiente prevalece como um grande irradiador de ruídos e desconforto.

4.5.8 Paisagismo e equipamentos urbanos.

Por fim como ponto negativo, a área estudada apresenta se com pouca arborização, isso afeta no conforto térmico da cidade. A praça tem arvores aleatórias e pouco uso dos espaços, sendo apenas um ambiente de passagem (Praça Dom Epaminondas), já a praça Mons. Silva Barros luta para tentar ter atividades culturais no entanto e um dos ambientes menos frequentados devido à falta de segurança.

Nessa área estudada percebemos poucos mobiliários urbanos e as praças são lugares de passagem para tanto existe poucos bancos e lugares de descanso. A iluminação não é suficiente causando na parte da noite um ambiente escuro e pouco habitável. Assim sendo, a região tem uma mescla relevante de pontos negativos e positivos que elevam o lugar a um grande potencial de transformação. São notórios os laços afetivos pelos habitantes nessa região e a luta por preservar hábitos e costumes da cidade, mesmo que hoje o centro seja uma realidade diurna.

5. DIRETRIZES PROJETUAIS – GERAL

Diante da análise da área de estudo elencamos as principais diretrizes que serão a base para elaboração da proposta do Corredor Cultural, este por sua vez, deve apropriar-se de dois aspectos, primeiro o espaço humanizador e um espaço que valorize as memórias, a fim suprir algumas deficiências encontradas na região central da cidade de Taubaté.

As primeiras atividades a serem realizadas no âmbito urbano são políticas públicas eficientes que tenham planejamentos urbanos lineares e que façam parte de um processo contínuo de transformação da cidade, somente assim os projetos teriam mais eficácia ao longo dos mandatos e cargos políticos. Para tanto a elaboração do Plano Diretor é um planejamento urbano que defina uma transformação em longo prazo.

Dentro disso, pontos importantes como a mobilidade urbana são pontos cruciais para se ter uma cidade mais saudável e humana. Ideias como valorização dos transportes públicos, o uso de transportes não motorizados, o controle de automóveis e a criação de ciclovias, e ciclofaixas, e condições melhores de vida são soluções viáveis para o centro urbano. A criação de aspectos que valorizem a participação das pessoas no espaço público como eventos e uma agenda cultural poderiam contribuir para a transformação e como consequência um espaço mais humanizado.

Segundo Gehl, (2013) quanto mais espaço é ofertado, mais vida tem na cidade. Para tanto diminuir o tráfego de automóveis nessa área e valorizar os calçadões, corredores e vias são um dos primeiros passos para a revitalização da área central. A valorização e a qualidade do transporte público também são de extrema importância na construção desse espaço humanizante.

A busca pela valorização de fachadas ativas e vitrines que interliguem os espaços e não criam barreiras visuais seria uma dos elementos estéticos a ser inovados. A estratégia de corredores verdes, marquises incentivam as pessoas a caminharem, assim como proporcionar junto dos comércios áreas de estar e laser. Gehl valoriza muitos os espaços de encontro, mesas ao ar livre, bancos e atividades culturais, tudo para que possa valorizar a interação entre espaço e a pessoa humana.

Além disso, o comércio deve proporcionar atividades diurnas e noturnas, pois na maioria das vezes as regiões centrais morrem por não terem vida e atividades noturnas e aos fins de semana. Para que haja essa vida noturna é preciso segurança, iluminação e essas venham acompanhadas de tecnologias energias renováveis.

Portanto, dentro dessa prévia de diretrizes ainda podemos valorizar espaços públicos que gerem vida e para tanto se necessita de um mobiliário urbano eficiente nas praças e lugares de encontro e dentro da preservação dos espaços valorizar os pontos nodais e marcos históricos na vida dos habitantes da cidade.

5.1 Diretrizes Projetuais – Corredor Cultural

Com base no desenvolvimento da pesquisa espera-se adquirir aspectos e parâmetros para se desenvolver espaços livres dentro do corredor Cultural, restituindo o importante papel urbano do caminhar a pé. Além disso, almeja-se criar uma forma de conexão entre esses espaços, através de soluções paisagísticas (arborização específica, mobiliário, paginação de piso, etc.) e intervenções âmbito social, artístico e cultural dentro da agenda cultural da cidade, criando visualmente elementos conectores e compositores da paisagem integrando o espaço a pessoa humana.

Já no aspecto das memórias pretende-se também reviver o sentido desses locais de importância como igrejas, praças e mercados que se perderam com o passar das décadas. A área estudada é cheia de pontos importantes para população sem contar que as memórias coletivas então além do patrimônio arquitetônico, mas engloba memórias auditivas, gastronômicas etc.

5.2 Diretrizes gerais

I - Criar condições para preservar a paisagem urbana e manter o patrimônio cultural, em especial na área central. Buscando valorizar os pontos de maior importância afetiva e memorial dos habitantes.

II – Apoiar as manifestações culturais populares, promovendo a sua continuidade e incentivando-as, a fim de fortalecê-la, enquanto manifestações da identidade cultural da população;

III – Criar e adequar espaços físicos para as atividades culturais, considerando as necessidades que todo o corredor é um único elemento espacial que sua finalidade primeira é a pessoa e a interação com o espaço.

IV – Apoiar as iniciativas, que visem a promoção da cultura; Teatros, feiras de exposição ao ar livre e manifestações de arte.

V – Articular as atividades culturais e eventos com unidade comercial proporcionando praças e feiras gastronômicas e intensificar a área do Mercado Municipal como um grande polo gastronômico;

VI - Nortear programas culturais e atividades recreativas e esportivas nas praças.

VII – Incentivar, através da Lei de Uso e Ocupação do Solo, a preservação de edifícios históricos tombados, com a implementação de instrumentos urbanísticos.

VIII – Apoiar as iniciativas privadas, que visem a promoção das artes e da cultura regionais;

IX - Apoiar as iniciativas artísticas e culturais das escolas municipais, creches e centros de apoio comunitário;

X – Valorizar as festividades religiosas do centro Urbano (Praça da Matriz,) com o incremento de atividades diversificadas visando resgatar a cultura e costumes populares.

XI – Delimitar o uso de placas e anúncios nessa área focando a visibilidade estética rompendo assim com a poluição visual.

XII – Dar apoio e promover o desenvolvimento das atividades artesanais tradicionais no município (Figueiras).

5.3 – Diretrizes Específicas

A fim de resolver e sanar alguns problemas na área estudada segue abaixo as diretrizes de âmbito específico, sendo que estas estão em comum unidade com o projeto do corredor cultural e visa ressaltar a pessoa que pode caminhar e usufruir do espaço.

5.31. A fim de resgatar ambientes de extrema importância afetiva e de importância histórica cultural da cidade de Taubaté, frisa este projeto o apelo de estancias que valorizem o centro urbano como patrimônio cultural, pois está intimamente ligado a identidade de seu povo. Sendo assim, espaços como, Igreja do Rosário, Mercado Municipal, Praça Mons. Silva Barros entre outros devem ser valorizados como centro irradiadores da identidade de seu povo.

5.32. Partindo dos levantamentos e estudos de solo, pode se perceber o grande potencial gastronômico e comercial da área. Para tanto, o Corredor Cultural está em conexão com as atividades, com isso a criação de novas frentes de trabalho no período noturno e atividades culturais eventos contribuiriam para um melhor desenvolvimento da área.

5.33. Um dos grandes objetivos do Projeto é o resgate do uso desse espaço, sendo que suas atividades são sempre de uso no período semanal junto ao fluxo do comércio local. A fim, de solucionar essas dificuldades algumas orientações são de extrema importância. Essas por sua vez estão ligadas ao princípio primeiro do trabalho que visa o caminhar e as relações de encontro no espaço urbano.

- Mobiliário Urbano adequado em toda a extensão do corredor a fim de que possa ser espaço condizentes as relações. Proporcionar equipamentos que possam trazer conforto e comodidade.
- O corredor deve ter em sua extensão um paisagismo coerente que não seja um obstáculo e que proporcione beleza e seja de utilidade no conforto de seus usuários.
- Diante do estudo percebeu que vários trechos de ruas são pequenos e estreitos, para tanto é incoerente o uso de carros nessa região. Sendo assim as quadras durante a semana serão livres para os pedestres e os cruzamentos serão liberados devido ao grande fluxo de carros.
- As atividades de interação serão aos fins de semana onde diminui fluxo de carros nos cruzamentos, sendo assim o corredor terá fluxo integrador dentro essa área estudada e valorizada como espaço de concentração convívio.

5.4 Relatórios de atividades:

O corredor cultural junto de suas diretrizes traz em sua construção uma sequência de atividades que configura o cenário de integração e participação dos habitantes com o espaço:

5.4.1 Atividades semanais:

Durante a semana devido ao fluxo contínuo do comércio o Corredor Cultural deixa livre os cruzamentos, a fim de que possa ocorrer o ritmo normal das atividades centrais.

As quadras que estarão fechadas seguem o ritmo de calçadas, e interagindo comércio e atividades gastronômicas. O corredor junto do paisagismo proporciona sombreamento e o mobiliário urbano (bancos) servem para que as pessoas possam interagir, descansar, e conversar, fluindo assim características mais humanas ao espaço.

Em espaços mais amplos durante a semana abre-se a atividades de feiras livres durante o dia. Na parte da noite segue uma atividade de comércio, praças de alimentação, e atividades de shows e pequenos eventos. O corredor traz uma iluminação apropriada que garanta a segurança a área junto com o planejamento de segurança da cidade.

O departamento de cultura da cidade será reformulado para construir um calendário de atividades semanais envolvendo as escolas e grupos de atividades folclóricas. Essas atividades acontecerão junto ao teatro, valorizando a Praça Dom Epaminondas e toda área.

As mesmas atividades serão intercaladas nas outras praças como o largo do Rosário, e Praça Mons. Silva Barros. Junto com atividades religiosas, o espaço sempre seria ambientado por pessoas atraídas pelas atividades conjuntas.

5.4.2 Atividades Finais de Semana:

Aos fins de semana o fluxo do corredor seria semelhante, no entanto com intensificações de atividades culturais e eventos de grande porte, sendo que o Corredor seria livre para o convívio e o bem-estar das pessoas. O diferencial seria os cruzamentos que seriam fechados, a fim de, manter o princípio básico que é o caminhar a pé.

Toda essa região seria integrada em um cronograma de atividades convidando a todos para usufruírem de um espaço novo.

Mapa infográfico – Corredor Cultural

Prancha 2 – Passos urbanos

Prancha 3 – Implantação / Cortes

Prancha 4 – Cortes / vistas

Prancha 5 – Cortes/ Paisagismo/ Perspectivas

Prancha 6 – Cortes / Perspectivas / Mobiliário

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao termino dessa pesquisa vale lembrar que partimos de questionamentos básicos, ou seja, o caos dos centros urbanos e a realidade babélica que os norteia. Partindo disso, alguns questionamentos foram sendo feitos: pode existir vida sociável no centro urbano? As experiências de desconforto dentro do centro urbano podem ser diferentes e chegar a uma experiência humanizadora e reconstruir um espaço diferenciado para as pessoas rompendo assim com a caótica rotina de um centro pré-determinado em função de automóveis e uma lógica capitalista? Por que o espaço central deixou de ser um espaço de convívio entre as pessoas? Isto é, seria possível compactuar vida sociável nesse lugar nos dias atuais?

A pesquisa levantou diversos questionamentos que permeiam uma dicotomia simples: é ou não possível uma transformação no convívio da área central da cidade de Taubaté? O trabalho em primeiro lugar revelou uma importância significativa de nostalgia, pois fez com que eu pudesse vivenciar lembranças e resgatar memórias importantes de minha existência, sem contar que despertou o desejo exequível de uma nova realidade para aquela área do centro.

Além disso, a pesquisa despertou junto da área do urbanismo um viés diferente, rompendo assim, com a lógica do uso do automóvel e valorizando os passos e as dimensões sensoriais do humano, para tanto a pesquisa desperta uma valorização entre a pessoa e o espaço. Contudo a pesquisa ainda dá margem para outros seguimentos importantes a serem trabalhados, entre eles a valorização da memória e a arquitetura, um despertar de maior sensibilidade para com o significado das obras arquitetônicas, a visão mais humanizante da cidade, e assim por diante.

Na busca de um urbanismo mais humanizador, e na promoção de um espaço de relações que compactuariam, memórias, e um dinamismo sequencial da área estudada, se propôs coisas simples, como o resgate do caminhar a pé, a valorização da afetividade memorial de espaços, o uso de equipamentos urbanos, um paisagismo que confere sombreamento, e por fim como resultado a proposta do Corredor Cultural, ou seja, um espaço que valoriza-se a arquitetura e a pessoa a partir de um espaço contínuo que é arena de diversas relações.

Assim sendo, a pesquisa salienta e mostra respostas as indagações iniciais, podemos afirmar que é possível transformar a realidade atual em um novo cenário, a pesquisa remete a coisas básicas, transformações simples que o urbanista precisa vincular (pessoa e cidade). A cidade é mais que um conjunto de edifícios e pessoas ela é palco de atratividades, cenário dinâmico que seduz e embriaga seus frequentadores, por isso proporcionar um roteiro dinâmico, e funcional de uso pode ser a resposta mais simples para se resgatar o ambiente que hoje não remete mais a boas lembranças.

O Projeto final valoriza pontos primordiais de importância memorial e de importância afetiva. O Corredor também visa integração do comércio, das atividades gastronômicas, da interligação de praças, proporciona eventos e acima de tudo ele valoriza a pessoa e a apropriação do espaço.

Portanto ao termino desse trabalho finalizamos com o desejo de um futuro diferenciado para nossas cidades e um futuro mais humanizado valorizando sempre a pessoa e suas memórias e a integração com o espaço. Os passos urbanos se tornam sementes de novas memórias, a cidade se torna o berço de futuras experiências e de novas realidades. Pois não são só paredes, nem meras construções, mas realçam a acima de tudo a história de um povo e sua identidade.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo, **Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos. Mínima Sacramentalia**, 2ª Ed., Petrópolis, Vozes, 1975.

CARERI, F. **Walkscapes, caminhar com prática estética**, São Paulo, Editora: G. GILI, 2013.

DANTAS, Fagner C. O Urbanismo en el Mundo: de la acción práctica a la práctica política. Revista Urbano n.º 08. (p. 85-92). Santiago – Chile: Universidade del Bio-Bio, 2003.

DANTAS, Fagner Cordeiro. **Por um urbanismo humanizante: uma utopia meta-pragmática**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 15, n. 44, p. 105-115, agosto de 2016.

DORIS C.C Kanats Kowaltowski. **Arquitetura e humanização**. <Disponível em: <http://www.dkowaltowski.net/675.pdf>>. Acessado em 20/03/2018.

FERRARA, L. **A Estratégia do Signos: Linguagem, espaço, ambiente urbano**. São Paulo: Perspectiva. 1981.

FERRARA, L. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1997.

GEHL, J. **Cidade para Pessoas**, 2ª edição, São Paulo. Editora: Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3ª Edição, São Paulo. Editora: WMF, 2011.

JACQUES, P.B. **Apologia da Deriva**, Rio de Janeiro, editora: Casa da palavra, 2003.

KARSENBERG, H. **A cidade ao nível dos olhos**. Porto Alegre. Editora: EDIPUCRS, 2015.

MARTINS, M. **Jane Jacobs e a humanização da cidade, 2016**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/786817/jane-jacobs-e-a-humanizacao-da-cidade?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user> Acesso 02 de maio 2018.

MARTINS, M. **O caminhar como pratica artística de intervir no espaço urbano**, 2009. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/cpa/marcos_paulo_martins_de_freitas.pdf> Acesso 20 de maio 2018.

MENDES, C. VERRÍSIMO C. BITTAR W. **Arquitetura no Brasil de Cabral a Dom JoãoVI**, Rio de Janeiro, Editora Imperial Novo Milênio, 2011.

NAVARRO, L. J. **Deambulações narrativas de Francesco Careri na construção estética do espaço**. 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/14.161/5525>> Acesso 04 de maio 2018.

NEUFERT, Ernest; KISTER, Johannes. **Neufert, Arte de projetar arquitetura**. 18ª Edição, São Paulo. Editora: G. Gilli, 2015.

NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire. I La République**, Paris, Gallimard, 1984.

NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire. I La République**, Paris, Gallimard, 1984.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

TAUBATÉ (Prefeitura Municipal). **LEI COMPLEMENTAR Nº 412 de 12 de julho de 2017**. Taubaté: 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**, Londrina, Editora: Eduel, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**, Londrina: Eduel. 2012.

ANEXO I

Lei Complementar Nº 238, de 10 de janeiro de 2011

AEIU - Área de Especial Interesse Urbanístico: Constitui Área de Especial Interesse Urbanístico aquela na qual se exercem as funções urbanísticas de Lazer e Recreação e seja notoriamente importante para a comunidade em virtude de sua localização, dimensão ou valor histórico.

1. Serão considerados como Área de Especial Interesse Urbanístico os parques, as praças ou jardins, entre outras, já implantados, que assim for declarada por Lei.
2. Ficam declarados como Área de Especial Interesse Urbanístico os seguintes bens públicos municipais:

I - Praças:

- a) Praça Anchieta;
- b) Praça Coronel Vitoriano;
- c) Praça Barão do Rio Branco;
- d) Praça Cristo Redentor;
- e) Praça Dom Epaminondas, bem como os calçadões das Ruas Duque de Caxias e Carneiro de Souza;
- f) Praça Felix Guisard;
- g) Praça Monsenhor Silva Barros;
- h) Praça Oito de Maio;
- i) Praça Santa Terezinha;
- j) Praça Antonio Naldi.

II - Parques:

- a) Parque Doutor Barbosa de Oliveira;
- b) Parque Monteiro Lobato;

III - Horto Municipal Renato Corrêa Penna.

IV – Área pública que tenha como origem a doação por particular ao município e que cumpre uma função urbanística, não poderá ter sua destinação alterada:

- a) Área do sistema viário, localizada entre as Av. Itália e Charles Schneider, defronte ao Taubaté Shopping.

DECRETO Nº 13410, DE 24 DE SETEMBRO DE 2014

Considerando o artigo 3º da Lei Municipal nº 4.648, de 5 de junho de 2012, que estabelece no inciso I que: “Art. 3º São assegurados aos pedestres os seguintes direitos:

- I - Calçadas limpas, conservadas, com piso antiderrapante, em inclinação e largura adequadas à circulação e mobilidade, livres e desimpedidas de quaisquer obstáculos, públicos ou particulares;”

CAPÍTULO I DA COMSTRUÇÃO, MANUTENÇÃO E CONSERVAÇÃO DA CALÇADA

Art. 1º A construção, manutenção e conservação da calçada, bem como a instalação de mobiliário urbano, equipamentos de infraestrutura, vegetação, sinalização, dentre outros equipamentos permitidos por lei, devem garantir o deslocamento de qualquer pessoa por este espaço urbano, independentemente de idade, estatura, limitação de mobilidade ou percepção, com autonomia e segurança.

CAPÍTULO II DAS DEFINIÇÕES

Art. 2º Para os fins deste Decreto ficam adotadas as seguintes definições:

- **Acessibilidade:** possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaços, mobiliários,
- **Equipamentos urbanos ou outros elementos** que possam ser alcançados, visitados e utilizados por qualquer pessoa, inclusive aquelas com deficiência ou mobilidade reduzida;
- **Alinhamento:** é a linha divisória entre o terreno de propriedade particular ou pública e a via de circulação;
- **Barreira arquitetônica ou urbanística:** qualquer elemento natural, instalado ou edificado que impeça a plena acessibilidade de rota, espaço, mobiliário ou equipamento urbano;
- **Canteiro central:** obstáculo físico construído como separador das duas pistas de rolamento, eventualmente substituído por marcas viárias;
- **Calçada:** parte da via, normalmente segregada e em nível diferente, não destinada à circulação de veículos, reservada ao trânsito de pedestres e, quando possível, à implantação de mobiliário urbano, sinalização, vegetação e outros fins, conforme definição do Código de Trânsito Brasileiro (CTB);
- **Calçadão:** logradouro público destinado ao pedestre e equipado de forma a impedir o trânsito de veículos, salvo os oficiais, os das empresas prestadoras de serviços de utilidade pública, os que processam carga e descarga, estes em horários permitidos, tendo por propósito oferecer condições adequadas à circulação ou lazer da coletividade;
- **Ciclovia:** é a pista destinada à circulação de bicicletas, separada fisicamente do tráfego comum;
- **Ciclo faixa:** é a faixa da via destinada à circulação exclusiva de bicicletas, delimitada por sinalização específica;

- Faixa livre: área do passeio, calçada, via ou rota, destinada exclusivamente à circulação de pedestres, desobstruída de mobiliário urbano ou de qualquer outra interferência;
- Faixa de acesso: área da calçada lindeira aos imóveis, caracterizada pelo espaço excedente entre a faixa livre e o limite do lote;
- Faixa de serviço: área destinada à instalação de equipamentos, mobiliário urbano, vegetação, lixeiras, poste, orelhão e outras interferências existentes nas calçadas;
- Faixa elevada: elevação do nível do leito carroçável composto de área plana elevada, sinalizada com faixa de travessia de pedestre e rampa de transposição para veículos, destinada a promover a concordância entre os níveis das calçadas em ambos os lados da via;
- Logradouro Público: é o espaço destinado à circulação, parada ou estacionamento de veículos, de bicicletas e de pedestres, tais como calçadas, parques, áreas de lazer e calçadões;
- Mobiliário urbano: todos os objetos, elementos e pequenas construções integrantes da paisagem urbana, de natureza utilitária ou não, implantada mediante autorização do Poder Público em espaços públicos e privados, como jardineira, canteiro, floreira e vaso, poste, totem, identificador de logradouro, mesa e cadeira de estabelecimento, caixa de correio, coletor de lixo urbano, suporte de lixo domiciliar, bebedouro, termômetro e relógio público, banca de jornal e revista, abrigo, gradil ou defesa de proteção de pedestre, banco de jardim, telefone público e armário de controle mecânico, hidrante, cabine de sanitário público, toldo, equipamento sinalizador e outros de natureza similar;
- Passeio: parte da calçada ou da pista de rolamento, neste último caso, separado por pintura ou elemento físico separador, livre de interferências, destinada à circulação exclusiva de pedestres e, excepcionalmente, de ciclistas;
- Pedestre: pessoa que anda ou está a pé, em cadeira de rodas, ou conduzindo a pé uma bicicleta;
- Piso tátil direcional: tipo de piso utilizado para orientar pessoas com deficiência visual do percurso durante sua passagem pelas vias (ser utilizado onde a guia de balizamento não seja contínua e em espaços amplos, ser instalado no sentido do deslocamento) devendo possuir cor contrastante com o calçamento do entorno;
- Piso tátil alerta: tipo de piso utilizado para orientar pessoas com deficiência visual dos obstáculos durante sua passagem pelas vias (Rebaixamento calçadas, obstáculos em balanço sobre o passeio, porta de elevadores, desníveis como vãos, plataformas de embarque/desembarque e palcos, no início e término de escadas e rampas) devendo possuir cor contrastante com o calçamento do entorno;

- Rampas de acesso às pessoas com deficiência: rampas que promovem a concordância entre a faixa livre e o leito carroçável em inclinação adequada ao deslocamento com autonomia e segurança da pessoa com deficiência;

CAPÍTULO III DOS PRINCÍPIOS

I - Acessibilidade: garantia de mobilidade para todos os usuários, assegurando o acesso, principalmente, das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, como idosos, gestantes, convalescentes de traumatismos ou enfermidades, entre outras;

II- Segurança: as calçadas, caminhos e travessias devem ser projetados e implantados livres de riscos de acidentes, minimizando eventuais interferências decorrentes da instalação do mobiliário urbano, equipamentos de infraestrutura, vegetação, sinalização, publicidade, tráfego de veículos e edificações;

III - Acessibilidade de rotas, que devem ser concebidas de forma contínua e integradas por convenientes conexões entre destinos, incluindo as habitações, os equipamentos e serviços públicos, os espaços públicos, o comércio e o lazer, entre outros;

IV - Facilidade de utilização: garantindo que a via e o espaço público sejam projetados de forma a estimular a utilização de rotas acessíveis, bem como facilitar os destinos;

V - Observação dos aspectos estéticos e harmônicos, devendo os desenhos das calçadas observarem seu entorno, incluindo espaços como praças, jardins, parques e áreas para pedestres, assim como com a fachada das edificações lindeiras;

VI - Diversidade de uso, devendo os espaços das calçadas serem projetados para o aproveitamento máximo dos benefícios, redução dos custos de implantação e manutenção;

VII - Continuidade, servindo a uma rota acessível, contínua e facilmente perceptível, objetivando a segurança e qualidade estética;

VIII - Desenho adequado, respeitando as especificações das normas técnicas pertinentes, garantindo um desenho adequado da via que privilegie o trânsito de pedestres.

Subseção I Zona de Consolidação Urbana – Z1

- **Art. 178** A Zona de Consolidação Urbana está localizada ao sul da rodovia Presidente Dutra, possui ocupações urbanas densas ao longo da rodovia e mais espaçadas em direção ao sul, dentro do perímetro urbano, estabelecido por lei vigente e tem os seguintes objetivos:
 - I.** Adequar às estruturas viárias à necessidade de expansão territorial;
 - II.** Coordenar as futuras ocupações do território; e
 - III.** Melhorar utilização da malha urbana e a infraestrutura instalada como forma de evitar a rarefação do processo de urbanização.

- **Art. 179** Para o objetivo de adequar as estruturas viárias à necessidade de expansão territorial, ficam estabelecidas as seguintes medidas urbanísticas:

- I. Implantar o projeto de estruturação do sistema viário, dentro do Plano de Mobilidade Urbana;
- II. Requalificar, conforme projeto estratégico (Anexo X – Mapa de Projetos Estratégicos), as estradas originalmente rurais que se configuram como vias coletoras ou arteriais para o município; e
- III. Tornar obrigatória a conexão viária do parcelamento urbano à estrutura viária existente, incluindo conexões entre vias locais, para assegurar a continuidade da malha urbana. LEI COMPLEMENTAR Nº 412, DE 12 DE JULHO DE 2017 61

- **Art. 180** Para o objetivo de adequar as estruturas viárias à necessidade de expansão territorial, poderão ser utilizados os seguintes instrumentos urbanísticos:

- I. Desapropriação e elaboração de projetos específicos; e
- II. Direito de preempção.

- **Art. 181** Para o objetivo de coordenar as futuras ocupações do território, ficam estabelecidas as seguintes medidas urbanísticas:

- I. Regulamentar o uso e ocupação do solo, através do Plano Diretor, que deverá levar em consideração os aspectos de ocupação futura do território da zona; e
- II. Exigir do empreendedor o atendimento das exigências quanto à infraestrutura de novos parcelamentos.

- **Art. 182** Para o objetivo de coordenar as futuras ocupações do território, poderão ser utilizados os seguintes instrumentos urbanísticos:

- I. Transferência do direito de construir;
- II. PEUC – Parcelamento, Edificação ou Uso Compulsório; e
- III. OODC – Outorga Onerosa do Direito de Construir.

- **Art. 183** Para o objetivo de melhorar a utilização da malha urbana e da infraestrutura instalada como forma de evitar a rarefação do processo de urbanização, ficam estabelecidas as seguintes medidas urbanísticas:

- I. Criar cadastro e mapeamento de imóveis não utilizados e subutilizados; e
- II. Impor a utilização socialmente justa e adequada dos imóveis desta zona.

- **Art. 184** Para o objetivo de melhorar a utilização da malha urbana e da infraestrutura instalada como forma de evitar a rarefação do processo de urbanização, poderão ser utilizados os seguintes instrumentos urbanísticos:

APÊNDICE

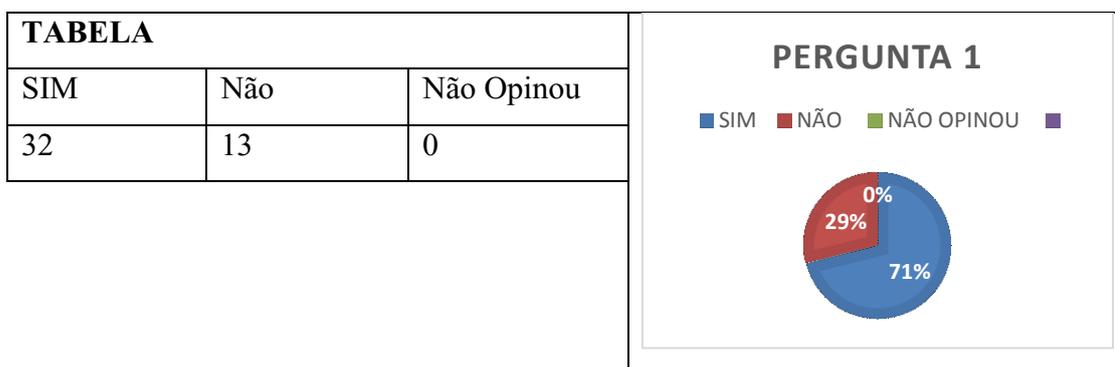
Pesquisa de opinião I

A fim de coletar informações de caráter qualitativo da área central Total de pessoas entrevistadas: 45 pessoas:

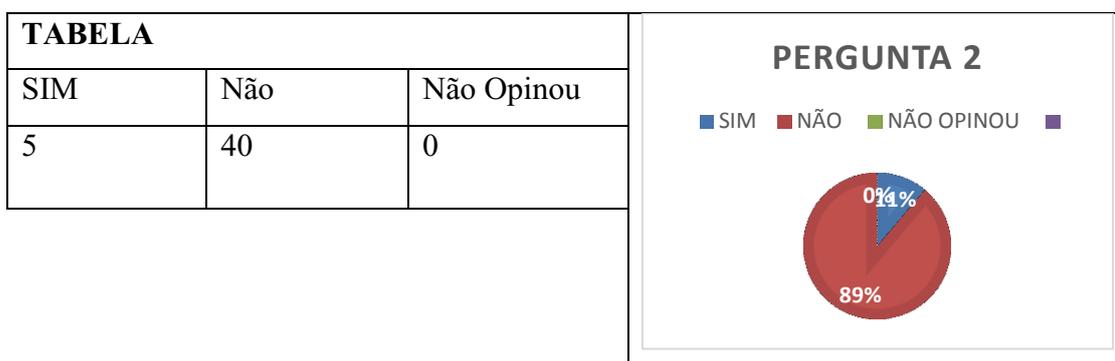
Local onde foi efetuada a pesquisa: Praça Dom Epaminondas, Mercado Municipal.

A Pesquisa de opinião foi realizada com a finalidade de identificar possíveis problemas e levantar atributos qualitativos da área central da cidade de Taubaté.

1. Você frequenta o centro urbano fora as atividades de comércio na realidade diurna?

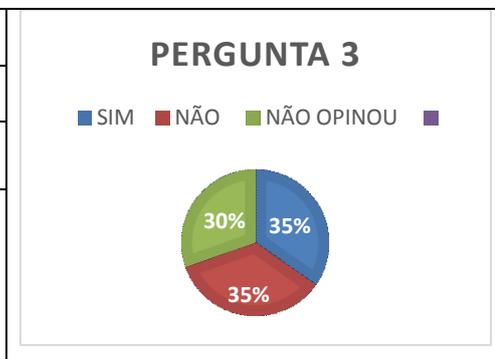


2. As praças e ambientes de lazer no centro urbano são convidativos?



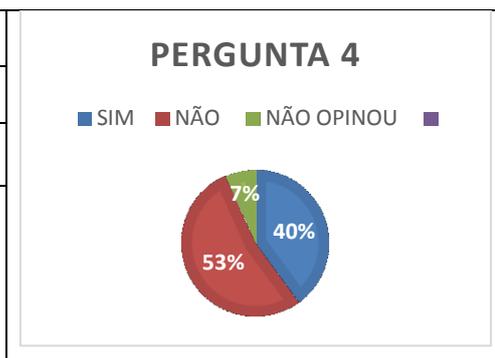
3. Existe atividades culturais nessa área demarcada como área central?

TABELA		
SIM	Não	Não Opinou
8	30	7



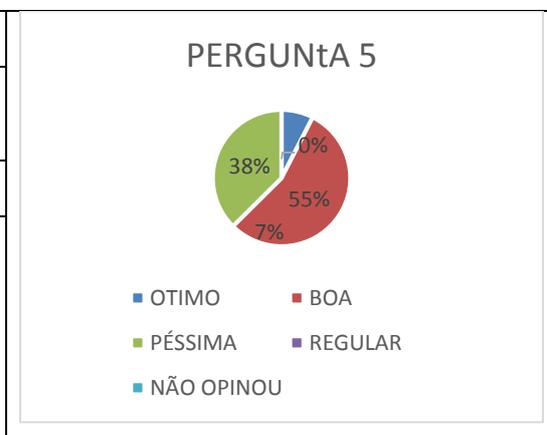
4. Nas realidades noturnas o centro urbano é um ambiente bem iluminado e seguro?

TABELA		
SIM	Não	Não Opinou
0	40	5

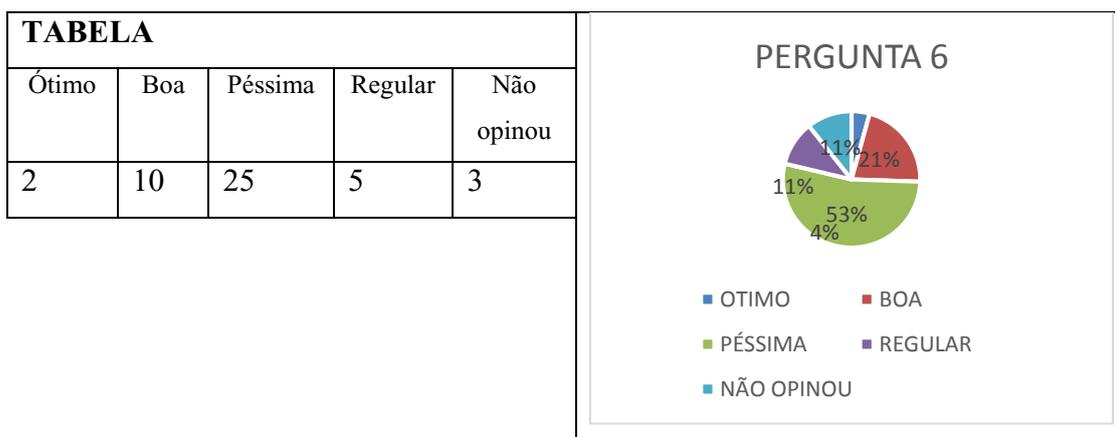


5. Como você avalia os equipamentos urbanos da região central da cidade?

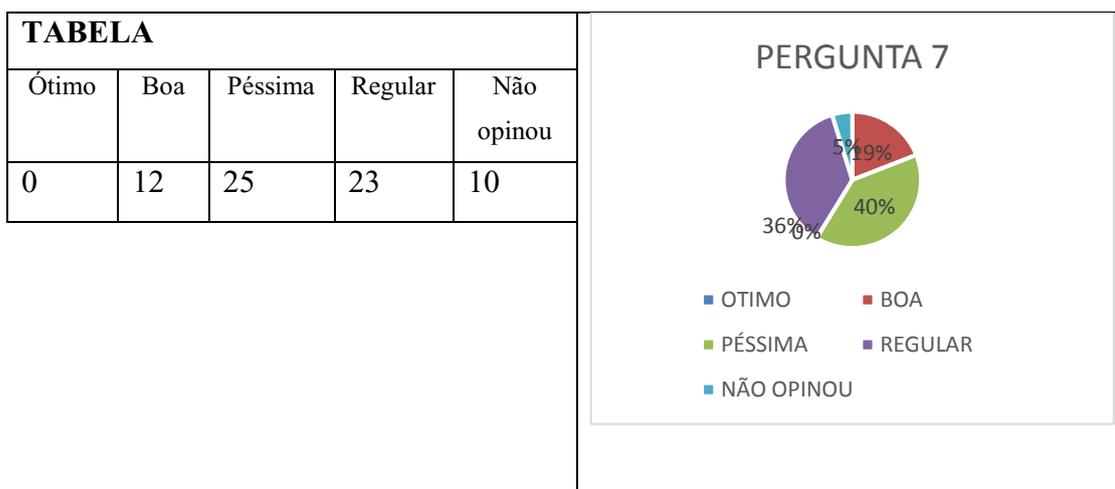
TABELA				
Ótimo	Boa	Péssima	Regular	Não opinou
3	22	15	0	5



6. Como você avalia a acessibilidade e a qualidade das caçadas?

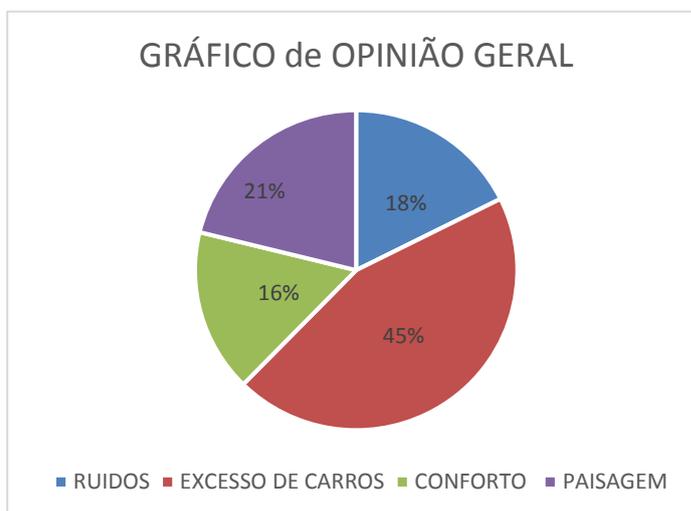


7. Como você avalia a qualidade do centro urbano: ele é um lugar agradável?



8. Qual desses elementos é fator de maior desconforto para os usuários do centro urbano:

- Ruído (15)
- Excesso de carros (38)
- Conforto (14)
- Paisagem (18)
-



Pesquisa de opinião II

Mural de memórias

A segunda parte da pesquisa consta de um mural postado em redes sociais. Junto a foto foi realizada uma enquete e essa por sua vez

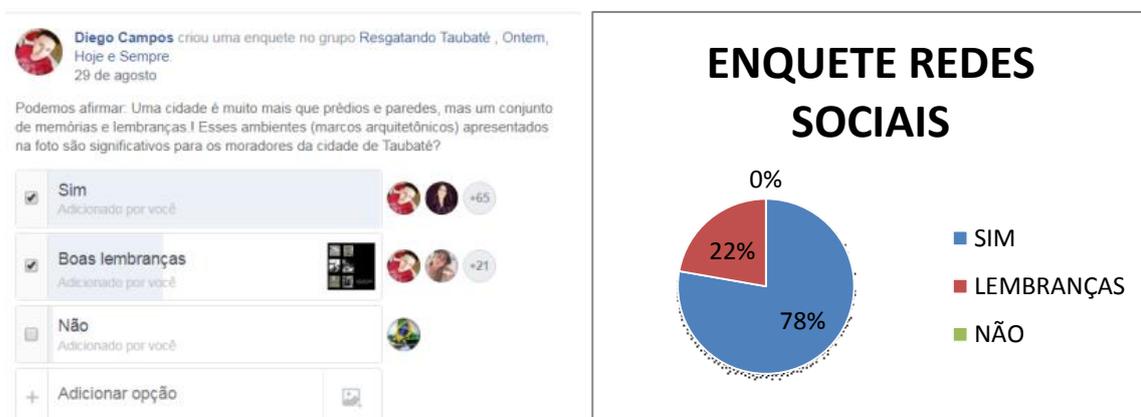
Podemos afirmar: Uma cidade é muito mais que prédios e paredes, mas um conjunto de memórias e lembranças. Esses ambientes (marcos arquitetônicos) apresentados na foto são significativos para os moradores da cidade de Taubaté?

Figura 53º: Mural de Memorias



Fonte: Imagem Própria

Figura 54º Enquete - resultado



Fonte: Facebook

Tabelas de Fluxo de Transito

Tabela – 1 SEMANAL

Fluxo de Veiculos Semanais		
R. Con.Almeida	Fluxo de Veículos com grande intensidade das 08h00 às 09h, das 12h às 14 e das 18às 19h.	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Jacques Felix e Mariano Moreira.	Fluxo de Veículos com grande intensidade das 08h00 às 09h, das 12h às 14 e das 18às 19h. (Via de acesso ao Mercado)	Período Nortuno sem grandes fluxos
Rua Juca Esteves	Via de acesso de grande fluxo. Sendo ela uma via arterial.	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Bispo Rodovalho e R. Chiquinha de Mattos.	Fluxo de veículos com grande constante devido ao fluxo do transporte Coletivo. Durante todo o dia.	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Anzio Ortiz	Fluxo de veículos intenso, desvio de carros Via de encontro com a 9 de Julho.	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Barão da Pedra Negra e Coronel Marcondes de Mattos	Fluxo de veículos com grande intensidade constante devido ao desvio rumo a Av. Desembargador.	Período Nortuno sem grandes fluxos

Tabela- 2 SÁBADO

Fluxo de Veiculos Finais de Semana		
R. Con.Almeida (sábado)	Fluxo de Veículos com grande intensidade das 08h00 às 12h.	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Jacques Felix Domingo	Fluxo de veículos com grande intensidade das 8h) às 13h (Via de acesso ao Mercado)	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Mariano Moreira (sábado)	Fluxo de veículos com grande intensidade das 8h) às 13h (Via de acesso ao Mercado)	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Bispo Rodovalho e R.	Fluxo de veículos com	Período Nortuno sem

Chiquinha de Mattos. (sábado)	grande constante devido ao fluxo do transporte Coletivo.	grandes fluxos
R. Anzio Ortiz (Sábado)	Fluxo de veículos moderado das 07h às 13h.	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Barão da Pedra Negra e Coronel Marcondes de Mattos (sábado)	Fluxo de veículos moderado das 07h às 13h.	Período Nortuno sem grandes fluxos

Tabela 3 – DOMINGO

Fluxo de Veículos Finais de Semana		
R. Con.Almeida	Fluxo de Veículos com pouca intensidade. (feira no mercado)	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Jacques Felix e Mariano Moreira.	Fluxo de Veículos com pouca intensidade (Via de acesso ao Mercado)	Período Nortuno sem grandes fluxos
Rua Juca Esteves	Feira Municipal (barganha)	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Bispo Rodovalho e R. Chiquinha de Mattos.	Fluxo de veículos com moderado e fluxo do transporte Coletivo. Durante todo o dia.	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Anzio Ortiz	Fluxo de veículos moderado.	Período Nortuno sem grandes fluxos
R. Barão da Pedra Negra e Coronel Marcondes de Mattos	Fluxo de veículos com grande intensidade constante devido ao desvio rumo a Av. Desembargador.	Período Nortuno sem grandes fluxos